

KITJETAWE ZABELE



PARA DONA JOVITA E TODAS AS LIDERANÇAS



Ficha catalográfica elaborada pela
Bibliotecária Andrea Teixeira CRB 5/1770

K48 Kijêtxawê Zabelê: Aldeia Kaí/ Organizadoras, Laura Castro, Cacá Fonseca.
Salvador: Sociedade da Prensa/EDTÓRA, 2019.

Vários autores

ISBN: 978-85-912226-6-7

1. Educação. 2. Literatura infantil. 3. Poemas. I. Castro, Laura. II. Fonseca, Cacá.

CDD21 371.32

ESTE LIVRO FOI PRODUZIDO A PARTIR DO ENCONTRO DE UM GRUPO DE ARTISTAS COM A COMUNIDADE ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA KIJĒTXAWĒ ZABELÊ, NO ANEXO DA ALDEIA KAÍ.

ELE É COMPOSTO POR TRÊS PARTES:

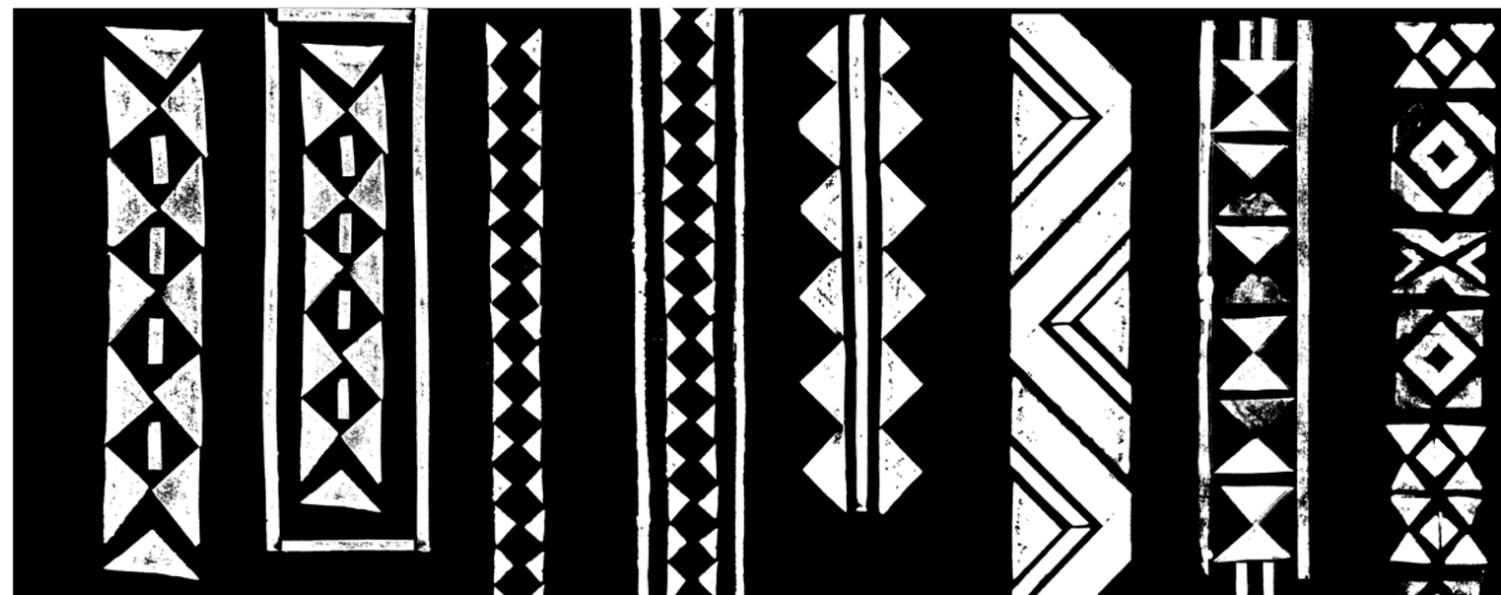
- NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E RETOMADA DA COMUNIDADE PATAXÓ DA ALDEIA KAÍ
- UMA HISTÓRIA INFANTIL CRIADA A PARTIR DE OFICINAS E CONVERSAS NA ESCOLA
- ATIVIDADES QUE PODEM SER REALIZADAS EM SALA DE AULA

A PUBLICAÇÃO É DESTINADA A ESCOLAS INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS DE TODO O PAÍS, COM A INTENÇÃO DE FORTALECER A COMUNIDADE ESCOLAR DA ZABELÊ E A HISTÓRIA DOS PATAXÓ DE CUMURUXATIBA.

VOCÊ ENCONTRA ESTE LIVRO DISPONÍVEL GRATUITAMENTE PARA DOWNLOAD E OUTRAS INFORMAÇÕES DESTE PROCESSO CRIATIVO NO SITE DO PROJETO WWW.EDICOESZABELE.COM.BR

SUMÁRIO

07	ALDEIA KAÍ
09	KIJĒTXAWĒ ZABELÊ
10	CARTA ABERTA
18	RETOMADA DO TERRITÓRIO
26	ATXUHÚ KAÍ
34	ENCANTAMENTOS
36	IAMANI
56	NOITE CULTURAL
68	TERRITÓRIO PATAXÓ KAÍ/PEQUI X PARQUE NACIONAL DO DESCOBRIMENTO
70	COBRA DO TEMPO
82	CATÁLOGO DE ERVAS
96	JOGOS DE MEMÓRIA
105	UM CAMINHO DE POESIAS, BRINCADEIRAS E DESCOLONIZAÇÕES
106	O QUE PODE UM LIVRO?



“AQUI,
VOCÊ PODE BATER O PÉ COM FORÇA,
QUE VAI TOPAR FIRMEZA.”

SEU JONGA

ALDEIA

KAÍ

A Aldeia Kaí está localizada no distrito de Cumuruxatiba, no município de Prado, Extremo Sul da Bahia, dentro do Território Kaí/Pequi, terra indígena de Comexatibá, reconhecido em 27 de julho de 2015. A comunidade é formada por 57 famílias, em torno de 186 pessoas e composta por uma coletiva de lideranças. As crianças são maioria e de extrema importância para enfrentar as lutas e os desafios.

Após muitos conflitos, alguns deles narrados neste livro, hoje, a Kaí vive a reconstrução de sua aldeia, com grandes conquistas. Entre elas, a construção do poço artesiano, pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Governo Federal, o projeto de luz elétrica, a criação da Associação Indígena Pataxó da Aldeia Kaí (AIPAK), a aprovação da ampliação da escola, além da construção e finalização da Kijêmi de Cultura pela comunidade e pelos apoiadores.

Atualmente, a comunidade trabalha ainda em dois projetos, aprovados nos editais da Bahia Produtiva e Sala Verde, que trazem benefícios para Educação Ambiental, o Artesanato, a Pesca e a Agricultura na aldeia. A Kaí, portanto, está aberta a receber visitas de estudantes de escolas públicas e privadas, faculdades e universidades, entre outros.

Os pataxó estão em Cumuruxatiba desde sempre, muito antes da 1ª invasão dos portugueses na Foz do Rio Kaí e lutam até hoje para manterem vivos seus costumes, sua língua, suas tradições e seu território.

SER PATAXÓ NÃO É FÁCIL
MAS ELES TEM QUE ENTENDER
QUE SOMOS ÍNDIOS GUERREIROS
E LUTAMOS PARA VENCER.



ÁHÊ PATAXÓ ãHÓ ME A NOMAYSÕ
TXAYÁ TOPEHÊP PETÕI DXÁ'Á KUÃ
DXÁ Á HOTEHÔ TXIHI XOHÃ
LIG IKHÃ'IRÁ DXAHÁ NAYHÉ

JANDAIA PATAXÓ

A Escola Estadual indígena Kijētxawê Zabelê é uma homenagem a Dona Zabelê, hoje já falecida (encantada), que ainda muito jovem foi expulsa da aldeia Barra Velha por ocasião do “Fogo de 1951”, nesse período, grande parte de sua família se fixou em Cumuruxatiba. A escola Estadual indígena Kijētxawê Zabelê é uma conquista de um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988. E foi criada pela Portaria de N°. 1181 Código 29445213, em 25 de fevereiro de 2006, após intensas lutas e reivindicações do Povo Pataxó frente ao Estado pela Educação Escolar Indígena, intercultural, diferenciada e específica de qualidade.

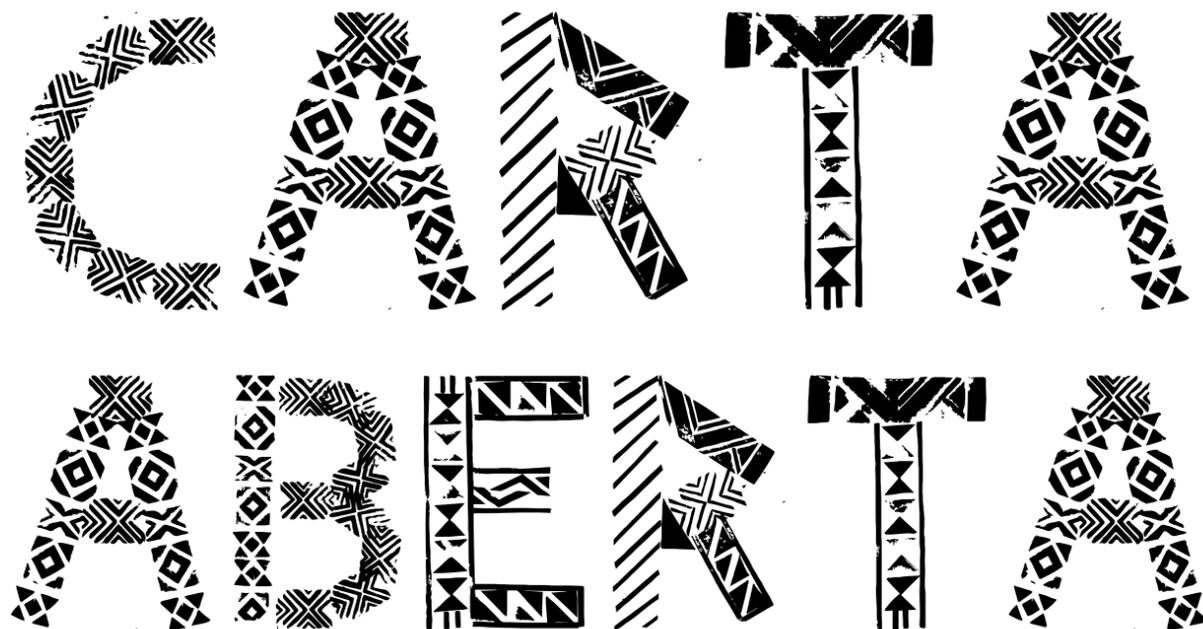
A Escola Estadual Indígena Kijētxawê Zabelê, no corrente ano de dois mil e dezessete, passou de escola a Colégio Estadual Indígena Kijētxawê Zabelê por ter sido contemplado com a criação do Ensino Médio. O colégio encontra-se nucleado em 6 (seis) aldeias, sendo elas: Aldeia Kai, Aldeia Tibá, Aldeia Alegria Nova, Aldeia Monte Dourado, Aldeia Dois Irmãos e Aldeia Renascer, cada uma com suas peculiaridades, processos de subjetivação e fabricação do Ser Pataxó (SILVA, 2014). Esta escola pertence a NRE 07 (Núcleo Regional de Educação), Teixeira de Freitas - BA, sob a Coordenação regional do Pataxó Agnaldo de Jesus, responsável pela Educação Escolar Indígena no NRE 07 Teixeira de Freitas - BA. Atualmente o Colégio oferece turmas de Educação Infantil, ensino fundamental I e II, Ensino Médio, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos (EJA), atingindo um total de aproximadamente 400 alunos (as).

A prática pedagógica de ensino de língua indígena Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijētxawê Zabelê, está relacionada com a cultura Pataxó, dialogando no currículo com as perspectivas e demandas do Povo Pataxó. Na escola e em especial na comunidade aldeia Kaí, o que tem mais gerado discussões entre os professores e comunidade inclusive nas reuniões de pais e alunos é o ensino da língua indígena, que apesar de ter o professor de língua Patxôhã, não é suficiente para trabalhar o aprendizado da língua Pataxó. Na maioria das discussões, os pais e lideranças questionam o pouco tempo que as crianças estudam o Patxôhã, tempo esse de apenas duas horas por semana. A situação do ensino da língua é de fato muito precária.

Entre esses dez anos de existência do Colégio Estadual Indígena Kijētxawê Zabelê, o povo Pataxó das aldeias de Cumuruxatiba, juntamente com a comunidade escolar, vem tentando cada vez mais melhorar a metodologia do ensino da língua indígena Patxôhã, pois alguns acreditam que a língua Patxôhã deve ser revitalizada e ensinada apenas na escola, outros acreditam que deve haver interação entre comunidade e escola.

POR CRISTIANE OLIVEIRA

*Trechos do trabalho de conclusão de curso intitulado VOOS NA SABEDORIA: O ENSINO DO PATXÔHÃ NA ESCOLA ESTADUAL INDIGENA KIJĒTXAWÊ ZABELÊ, da Licenciatura Intercultural Indígena, 2017.



Diante de várias violências acontecidas entre 2015 e 2016, os pataxó da Aldeia Kaí escreveram uma carta aberta ao Ministério Público Federal e às demais autoridades brasileiras. Você sabe o que é e para que serve uma carta aberta? Ela geralmente trata de um assunto de interesse coletivo e é veiculada em sites, jornais ou outro espaço de comunicação como o mural de uma escola. Leia um trecho da carta aberta dos pataxó e experimente fazer uma em sua turma. Você pode também acessar a carta completa na internet, neste endereço:

<https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/carta-pataxo.pdf>

Prezado(a)s Senhore(a)s:

A esperança de termos nosso direito territorial reconhecido após a publicação do estudo para demarcação no diário oficial da União no final de julho, deu lugar ao medo e temor constante. Estamos sendo vítimas de agressões verbais, físicas, constrangimentos diariamente, e principalmente sentindo um completo abandono dos órgãos do Estado que tem o dever de garantir a ordem e a paz.

(...) na noite do dia 10 de agosto de 2015 homens encapuzados invadiram a aldeia, realizaram tiros e queimaram uma das nossas ocas mais caprichadas, preparada para receber visitas e comercializar nosso artesanato no verão. Após este primeiro atentado, fomos duas vezes ao município do Prado e não conseguimos atendimento e providencias por parte da Polícia Civil.

Após a ocorrência e a impunidade, os agressores se sentem cada vez mais à vontade, passando a ofender sistematicamente os indígenas nas estradas, independente de idade e gênero. Até que no dia 23 de setembro, pistoleiros fecham a estrada, obrigam crianças e jovens a descer sob tiros, e ateiam fogo no



veículo escolar. De novo, apesar da gravidade da ocorrência, a delegada do Prado não tomou nenhuma providência. Para obter apenas um boletim de ocorrência é uma enorme dificuldade.

Fomos informados pelo proprietário da empresa que realiza o transporte escolar que ele foi ameaçado a parar este atendimento. Segundo o mesmo a delegada do Prado recomendou ao mesmo esclarecer, junto ao Sindicato Rural, que a empresa não tem relação com as invasões dos índios, que é apenas um prestador de serviço. O motorista relata estar sendo constantemente seguido e intimidado. Após o atentado as aulas foram suspensas.

Ao mesmo tempo que as agressões locais se sucedem, um novo Juiz Federal é designado para Teixeira de Freitas, que acelera a concessão de liminares de reintegração de posse de todos os processos que até então aguardavam as decisões para demarcação do território. Até o momento são nove liminares. Neste momento estas liminares geram maior temor. (...) Como uma ação orquestrada, sofremos violência dos proprietários, da justiça, da polícia, do ICMBio. A própria FUNAI não tem assegurado a presença e o acompanhamento da situação. (...)

Tudo acontecendo ao mesmo tempo. Tudo combinado. Todos os poderosos contra os Indígenas, com o apoio ou omissão das autoridades da justiça e de órgãos públicos que deveriam nos proteger e garantir nossos direitos.

Temos que perguntar e temos que ter respostas do Estado e do Atual Governo:

Para onde vamos? Onde estudarão nossas crianças? Será negado os kitok o sagrado direito à educação e o nosso direito de existir?

IHÁ ÁGXOHÁ ÁHÊ KOET'HI TXUK ÁGXOHÁ RE ...

MEUS VERSOS ELES NÃO FALAM DE AMOR.
MUITO MENOS DE SOLIDÃO

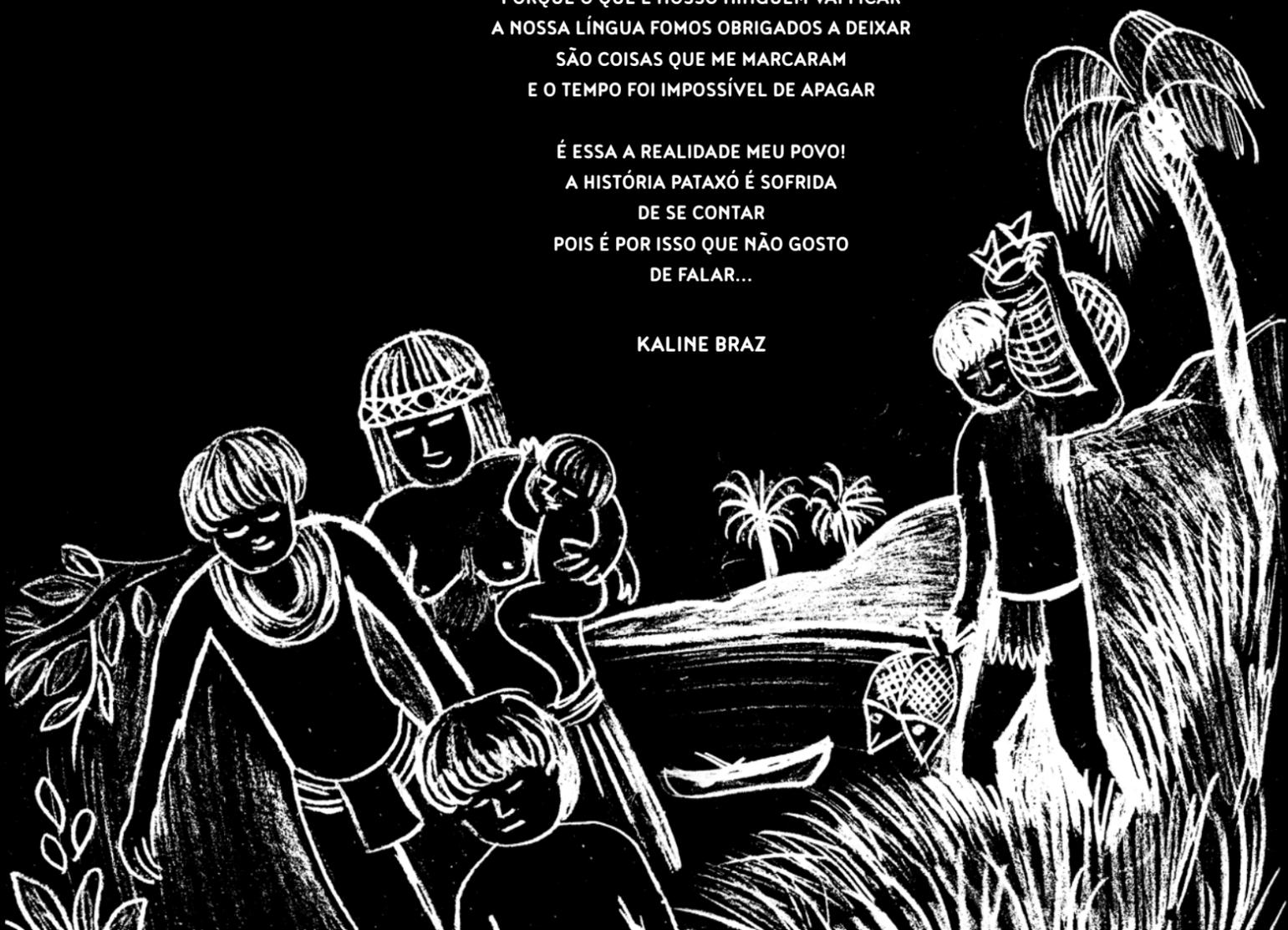
FALA DE UM POVO QUE VIVIA MUITO EM UNIÃO
MAS QUE PASSOU MUITA HUMILHAÇÃO
QUE SEU MAIOR OBJETIVO É A DEMARCAÇÃO

QUEREM TERRA PARA PLANTAR
MAS PARA ISSO É PRECISO MUITO LUTAR
SEU TERRITÓRIO VÃO FAZER DE TUDO PARA
NOVAMENTE CONQUISTAR
ATÉ GUERRA SE FOR PRECISO
IREMOS GUERREAR

PORQUE O QUE É NOSSO NINGUÉM VAI FICAR
A NOSSA LÍNGUA FOMOS OBRIGADOS A DEIXAR
SÃO COISAS QUE ME MARCARAM
E O TEMPO FOI IMPOSSÍVEL DE APAGAR

É ESSA A REALIDADE MEU POVO!
A HISTÓRIA PATAXÓ É SOFRIDA
DE SE CONTAR
POIS É POR ISSO QUE NÃO GOSTO
DE FALAR...

KALINE BRAZ



Esta carta foi escrita por uma das estudantes da Kijêtxawê Zabelê. Ela é destinada aos anciões, aos mais velhos da comunidade pataxó da Aldeia Kaí. Qual a importância dos mais velhos para você e sua turma? Converse sobre essa carta com seus colegas.

Cumuruxatiba, 23 Agosto de 2018

Anciões / Jovita / Kimborama,

Através de uma carta venho expressar minha gratidão por tudo que fizeram e estão fazendo por nós jovens. Esperamos um dia ser como vocês, terem a coragem e a força que tiveram para não desistir da Aldeia.

Sabemos o quanto foi difícil para vocês encararem certas situações, como ver crianças chorando ou recolhendo restos de alimentos dos destroços de suas casas que foram demolidas.

Como vocês sempre dizem "Somos o futuro da nossa aldeia". Esperamos um dia fazer e ser como vocês e sempre levar nossas histórias, nunca esquecendo nossas raízes e origens.

Com Amor,

Zabelê



PÁSSARO GRANDE GARAPIRÁ
COME SARDINHA SEM MASTIGAR
SEM MASTIGAR
SEM MASTIGAR
COME SARDINHA SEM MASTIGAR

EU QUERO VER MEU GARAPIRÁ
ENGOLIR PEIXE VIVO SEM MASTIGAR
SEM MASTIGAR
SEM MASTIGAR
ENGOLIR PEIXE VIVO SEM MASTIGAR

EU QUERO VER COMO É QUE É
CACHIMBO NA BOCA CHINELA NO PÉ
CHINELA NO PÉ
CHINELA NO PÉ
CACHIMBO NA BOCA CHINELA NO PÉ

música de Jovita Oliveira

RETOMADA DO

TERRITÓRIO*

“O movimento de revitalização cultural do nosso Povo em Cumuruxatiba, nasceu com os processos de retomada de nossa identidade, de nossas terras e da consequente luta e conquista da educação escolar indígena, multilíngue e diferenciada nas comunidades ressurgidas. E começou justamente, no momento em que 120 famílias de nosso Povo deflagraram o processo de reconhecimento de nossa identidade étnica, de luta pela retomada e demarcação do nosso território imemorial, em abril do ano 2000, na Barra do Kaí. (...)”

O marco do movimento das retomadas na região começou com as retomadas do território das aldeias Corumbalzinho (1997), Guaxuma (1998), Pé do Monte e Parque Nacional de Monte Pascoal em 19 de agosto de 1999, quando nossos parentes ocuparam a guarita do Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP) e expulsaram a chefe do IBAMA. Sucederam a estas, as retomadas das fazendas Oriente, Guanabara; em Cumuruxatiba, a Fazenda Boa Vista (Barra do Kaí, em 04 de abril de 2000 - de onde fomos violentamente expulsos, em 18 de abril do mesmo ano) e, Parque Nacional do Descobrimento - PND (em 2003), onde estão situadas as 05 comunidades que constituem a comunidade Escolar do Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê (Kaí, Pequi, Tibá, Maturembá e Alegria Nova), onde residem os troncos velhos de nossa cultura.”

*Trecho do trabalho de conclusão de curso intitulado NIOTXARÚ HITAP PATAXÓ: REVITALIZAÇÃO CULTURAL, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA VISÃO DOS TRONCOS VELHOS DA CULTURA PATAXÓ, do Programa Magistério Indígena Nível Médio da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2010.



“retomada não é invasão de terras e sim reconquista do território tradicionalmente ocupado pelos povos indígenas. As retomadas são um movimento legítimo das organizações indígenas.”

POR CRISTIANE OLIVEIRA

Após o massacre de 2000 da fazenda Bela Vista (barra do Kaí), famílias Pataxó se alojaram em Cumuruxatiba, no bairro Cantagalo, no quintal da casa de minha mãe, Dona Jovita (pajé da aldeia Kaí), por dois anos e meio. Lá, vivíamos juntos em barracas e uma oca grande, onde a equipe médica da FUNASA atendia e aconteciam as reuniões de comunidade.

No ano de 2003, nossas famílias Pataxó decidiram retomar a área do Parque do Descobrimento, ocupando os territórios (Kaí, Pequi, Tibá, Maturembá e Alegria Nova).

Mas no ano de 2013, pelo fato de a área do Parque do Descobrimento não permitir atividades produtivas e construções (alvenarias), por ser uma área de preservação ambiental, decidimos retomar uma área que não pertencia ao Parque, na Área do Rio do Peixe Grande e Área do Moreira, para a reconstrução do espaço produtivo e das moradias de algumas famílias Pataxó da aldeia Kaí.

Após um ano de retomada dessa área, iniciou-se um processo judicial com os supostos proprietários da terra, pleiteando sua reintegração de posse. Do ano de 2014 até 19 de janeiro de 2016, foram tempos de luta na justiça para tentar derrubar o processo de reintegração, até que dessa mesma data, um grupo de 100 policiais federais e militares (CIP Mata Atlântica - CAEMA) invadiu a nossa área,

expulsando-nos do território, cumprindo o mandado de posse favorável à suposta proprietária da terra, outorgado no ano de 2015. Essa ação destruiu nossas casas, posto de saúde, oca de cultura, plantações e tudo mais que construímos, de forma violenta e humilhante.

Passados dois dias dessa ação violenta, chegou para nós a decisão da justiça favorável ao nosso processo de suspensão da liminar da reintegração da posse, mas já era tarde, tudo nosso já estava destruído.

Após esse episódio, a gente se reuniu para a tentativa de retorno para a nossa aldeia, mas estava ocupada por pistoleiros custeados pela suposta proprietária. Duas tentativas foram frustradas, mas, no dia 26 de janeiro de 2016, às 6 horas da manhã, um grupo de guerreiros e guerreiras Pataxó, velhos adultos e crianças, da nossa aldeia e da aldeia Tibá, pintados e preparados para o enfrentamento, iniciamos uma caminhada em direção à aldeia.

Próximo à entrada da porteira do terreno da aldeia, nós, mulheres e crianças (jokanas e kitokis) entramos cantando nosso canto de guerra, gigantes pela força de Tupã Niamisũ, com ajuda dos nossos guerreiros e suas estratégias. Nesse dia, conquistamos a nossa terra novamente e daí começamos a batalha para a reconstrução da nossa aldeia.

*Relatos de Cristiane Oliveira - Jandaia Pataxó, colhidos em 22 de junho de 2018.



19 DE ABRIL

COMO RECORDAR TUDO QUE A GENTE PASSOU PODER OLHAR, PRO PASSADO
FICAR PARADO E OLHAR O BICHO HOMEM DERRUBAR O NOSSO LAR
OLHAR PROS OLHOS DAS CRIANÇAS E SENTIR A ESPERANÇA PRA LUTAR E VENCER.
A LUTA DE UMA MÃE PRA PODER CONQUISTAR UM SORRISO NO SEU FILHO E NÃO VER MAIS CHORAR
E HOJE NESSE DIA PODER RELEMBRAR AS COISAS DO PASSADO PODER RECORDAR

PRA TER RESPEITO, NÃO PRECISA SER ÍNDIO, SER PARDO, SER BRANCO, SER NEGRO
E O PRECONCEITO, NÃO APONTA SUAS QUALIDADES SÓ APONTAM DEFEITOS

(RAP) NOSSO DIA SEMPRE FOI TODO DIA
E HOJE NO CALENDÁRIO ESTÁ 19 DE ABRIL,
AINDA INSISTAM EM FALAR Q ÍNDIO É BICHO,
NEM VALE A PENA VIVER



O grupo Mipâ'iré Paz Suniata'xó (Meninas Sentir no Canto) surgiu após termos sofrido uma violenta reintegração de posse; desde então nossas histórias viraram músicas. Músicas nas quais expressamos nossos sentimentos e passamos a força que nossos anciões nos passaram e passam desde então. O grupo é formado por Kādara (Cacau), Tsayrá (Onda), Aponāhy (Feliz), Ādxuara (Rosa) e Poá (Águia). Criamos um canal onde mostramos nossa cultura e outros assuntos do nosso dia a dia.

Visite no youtube: Jovens Indígenas

ATIVIDADE

Escolha algumas palavras da música e escreva em patxôhã.

Luta, Sorriso, diferença, filho, bicho, viver, calendário.

Elabore um desenho em diálogo com esta música.

Você conhece outras cantoras indígenas ?

Escreva um verso, uma música ou uma poesia sobre resistência.





ATIVIDADE

Conte uma história relacionada à imagem ao lado.

Desenhe outra situação de resistência e liberdade do povo Pataxó.

Escreva um verso, uma música ou uma poesia sobre resistência e/ou liberdade.

RESISTÊNCIA



ÁKSUË IREK TXEPÂY NIOMAKÂ IREK
TXEPÂY ÂPIJÂË PETANIÂË ANEHÔ
IÊ CUMURUKAIRÉ, CUMURUKAIRÉ
OKXAÿ IÊ NAPINOTÔ HÂHÂO
IÊ CUMURUKAIRÉ, CUMURUKAIRÉ
HOTEHÔ ÂHÔ TOKÊRÊ ÂGXÔHÁ

Como recomeçar se o clima no ar é de destruição?
Como acontecer e fazer valer o que garante a constituição?
Olho para os parentes que estas triste e cabisbaixo pela humilhação,
Olho para as crianças esperando um sorriso mas só há desilusão

Direito onde está?
Justiça onde está? Esperança cadê você?

Ah, presidente, presidente, demarque a nossa terra
Ah, presidente, presidente nós não queremos guerra

Grupo Mipâ'iré Paz Suniata'xó
(Meninas Sentir no Canto)



Cumuruatiba, 23 de agosto de 2018

Prezado Luiz Inacio Yula da Silva

Venho lhe dizer que a cada dia que se passa o Brasil está cada vez mais piorando.

Vejo muitas famílias passando por necessidades de alimentação, saúde, infra-estrutura, educação e muita violência.

As vezes me pergunto: porque tanta desigualdade nesse mundo? Pessoas passando por cima de outras querendo ser melhores e nos que os outros. Sendo que todos nos temos sangue vermelho. Espero que um dia isso se oculte entre nos seres humanos.

Fico feliz por você olhar por nós indígenas e também pela população de baixa renda, te admiro muito espero que continue assim. Espero que seu retorno seja triunfal, sei que vai ajudar muita gente ao sair desse lugar onde você não deveria estar.

Agradecida

Dijuda Diveria de Oliveira Santos

PASSARINHO TÁ CANTANDO
PASSARINHO TÁ CANTANDO
PASSARINHO TÁ CANTANDO
PASSARINHO TÁ CANTANDO

COM SEU CANTO BONITO ÔLÊÊ
VAI VOANDO BEM ALTO ÔLÁLÁ

CHAMA RÁRÁ ÔLÊÊ

CHAMA RÁRÁ ÔLÁLÁ

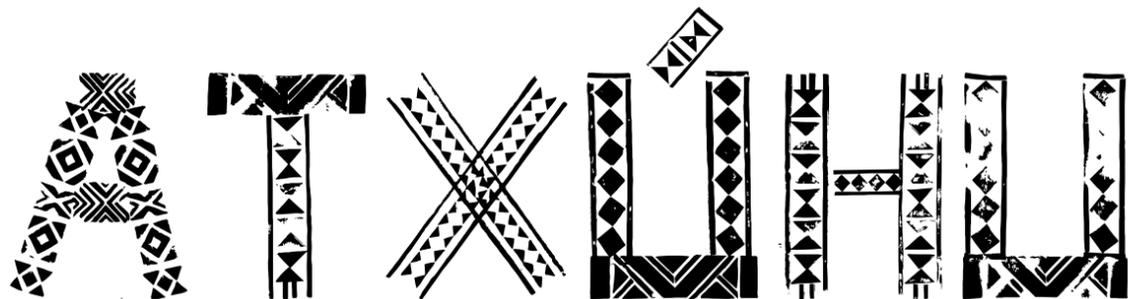


GIKTAIÁ TOROTÊ SŪNIATAIRÁ
GIKTAIÁ TOROTÊ SŪNIATAIRÁ
GIKTAIÁ TOROTÊ SŪNIATAIRÁ
GIKTAIÁ TOROTÊ SŪNIATAIRÁ

HŪ KOTENOHÔ SŪNIATAIXÓ BAYXÚ O LÊ LÊ
TORNÔ NAXOXIRA BAYXÚ O LÁ LÁ
HĀHŪHĒHĒ - HAÁ O LÊ LÊ
HĀHŪHĒHĒ - HAJA O LÁ LA

versão em português: autor pataxó desconhecido

versão em patxôhã: Matalawê



ATXÚHU significa “linguajar” em patxôhã, a língua dos pataxó. O linguajar é como toma forma uma língua e foi este nome escolhido pela comunidade da Aldeia Kaí para nomear este alfabeto. Elaborado nas fogueiras de junho de 2018, o ATXÚHU KAÍ foi construído a partir de um encontro de saberes com a artista indígena Rita Pataxó, que desenvolve uma série de carimbos artesanais em madeira, em Cumuruxatiba, e trabalha também na Kijêtxawê Zabelê. Rita cria bolsas, roupas e diversos

produtos estampados com esta técnica, com cores e padrões gráficos que, muitas vezes, ela mesma cria. Para muitos, os grafismos e as pinturas corporais são escritas dos povos indígenas.

O carimbo também pode ser entendido como uma técnica de impressão artesanal, que independe de grandes maquinários. Foi dessa junção que a Sociedade da Prensa e seus companheiros, na ocasião da Residência Artística dessas Edições Zabelê, construíram junto aos estudantes e professores do Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê, as letras desse alfabeto, assim como a série de carimbos nelas estampados, desenvolvidos também por essa comunidade escolar abrigada na Aldeia KAÍ, de onde nasceu este ATXÚHU. Impressos nesse alfabeto estão as memórias e os afetos gerados por esse encontro. Dessas letras se desdobram palavras de resistência e narrativas. Victor Fabem, estudante de Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia e um dos bolsistas deste projeto, transformou o alfabeto do ATXÚHU KAÍ em uma fonte de computador. Você pode entrar no nosso site www.edicoeszabele.com.br e baixar essa fonte gratuitamente. Lá você encontra também outros materiais assim como este livro em sua versão virtual disponível para download. Não deixe de conferir!

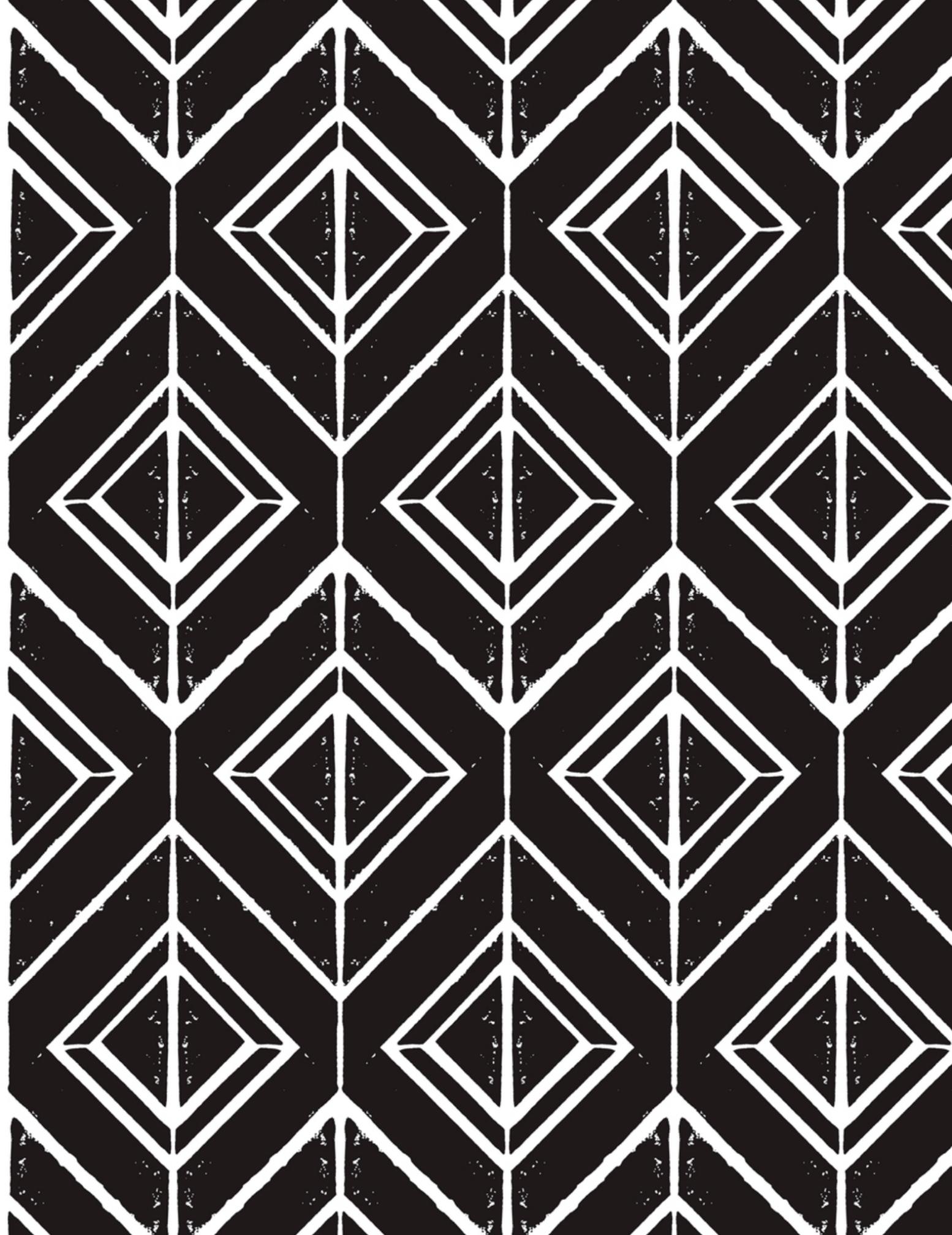
ATIVIDADE

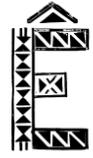
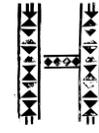
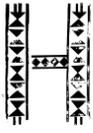
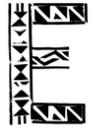


Aqui, no livro, você encontra as letras do Atxúhu Kaí. Recortando-as, é possível criar uma série de cartinhas e jogos. Por exemplo, você pode organizar uma rodada de sorteio das cartas em que cada jogador deve dizer uma palavra – em português ou patxôhã – que comece com a letra que tirar. Ganha o jogo quem acertar mais palavras e, por isso, acumular mais cartas.

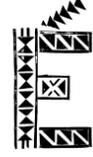
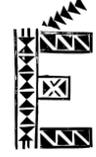
Você pode construir também, com seus colegas, um enorme tabuleiro com cartolina, papelão ou qualquer papel mais duro. Faça um local de partida e de chegada, construindo um caminho de letras entre esses dois pontos. Jogando um dado, cada jogador deve percorrer essa trilha alfabética. Sempre que parar em uma letra, é o momento de dizer uma palavra.

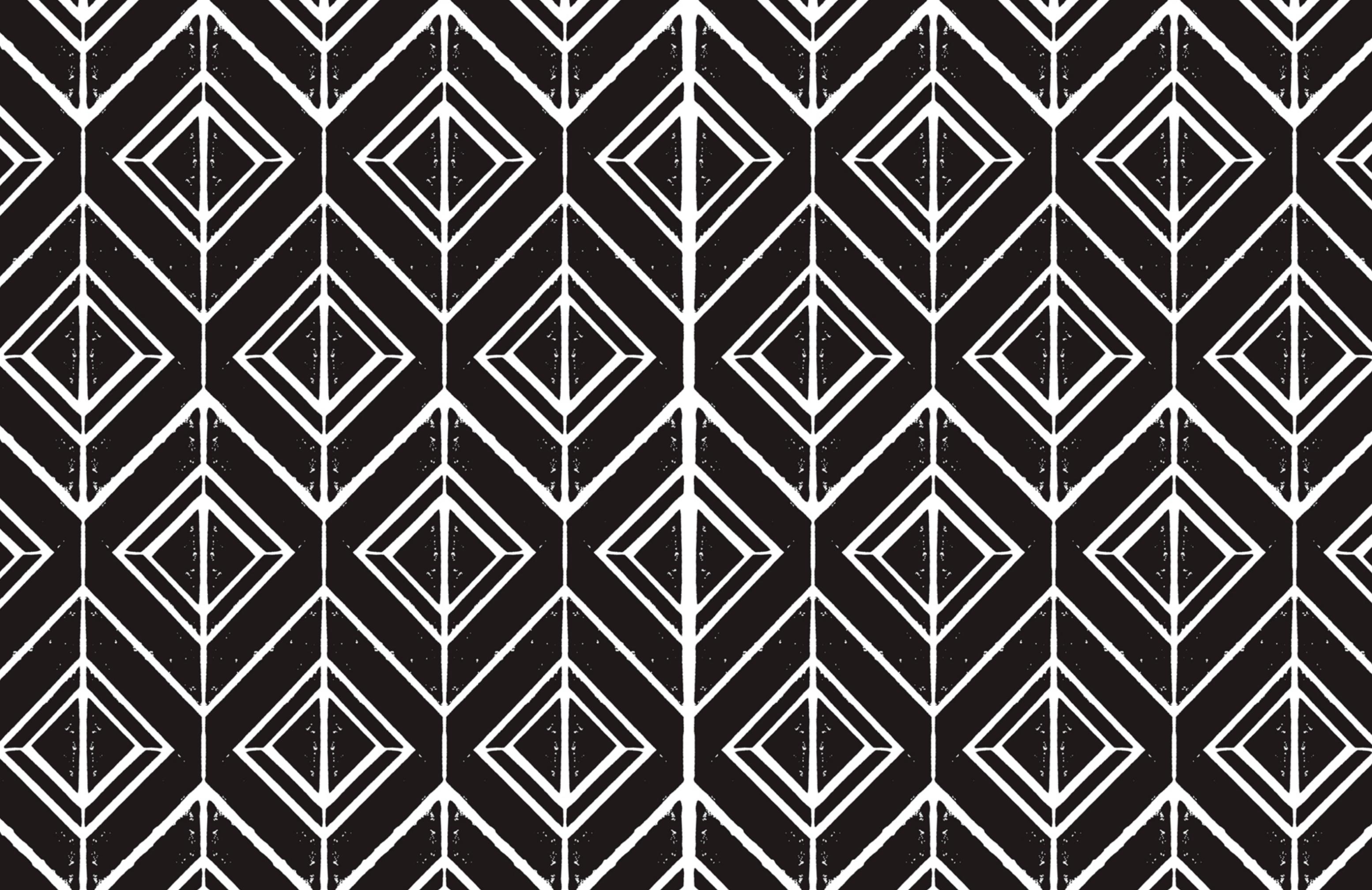
Essas cartinhas servem também como alfabeto móvel, para construir frases, pendurá-las na parede. Seja criativo e cuide sempre para não perder as suas valiosas cartinhas do Atxúhu Kaí.





recorte na linha pontilhada





A B C D E

F G H I J

K L M N O

P Q R S T

U V X Y Z

A B C D E

A B C D E



ENCANTAMENTOS

POR CACÁ FONSECA

Esta história começa mas não acaba, conta de um encantamento feito magia, dessas coisas que acontecem e não se explicam, são um tanto de caminhos, poesias e músicas de fazimento das miragens. Era junho mas era também outro tempo sem nome de mês, tinha vento, sol e chuva, sem casamento de viúva.

Foi na kijetxawe zabelê, ali beira da estrada, vizinhança de mata, plantada debaixo do pé da gameleira e em cima de um chão de luta e força. Ali era lugar apinhado de encantos. Esse surgimento veio primeiro de uma ciranda de desenhos, formada em roda na mesa, onde Xica, Janaíri, Keilinha, Laís, Aurora, Cacá e Laura giravam os papéis e os desenhos se faziam de traço em traço a 12 mãos. Alguém anunciava o já e a dança dos papéis recomeçava, até que completamos um giro inteiro e lá estavam 6 encantados, vindo de um encantamento de desenho coletivo. Depois da ciranda a coleta, que encheu as mãos de Xica, Janaíri, Keilinha, Laís, Aurora de urucum, girassol, palha de capim, favo de semente e sementes.

E é dessa força colhida nas mãos das kitokes que nasceram uma vó da mata bonita, com um arco de pétalas rosa no cabelo, levava uma lança na mão, feito guerreira que é e umas rajadas vermelhas de urucum, que lhe arroteavam de feitiço. Nasceu junto uma Caipora com os cabelos de favas de semente e os olhos de fogo, um boitatá mascarado, com rabo de fibra de palmeira serpenteante, a mãe d'água sereiou uma cauda de carimbo, com escamas de alfabeto, flores e mais uma companhia, um peixe tão azul, quase mar.

ATIVIDADE



Organize uma roda em sala e jogue a ciranda de desenhos.

Regras:

- Cada estudante recebe uma folha em branco.
- Os encantados são sorteados.
- O jogo começa com cada estudante desenhando o encantado sorteado.
- A professora marca um tempo de 5 minutos. Quando terminar esse tempo, os desenhos passam para o estudante ao lado e giram na roda. Novamente marca-se o tempo e faz-se outros giros até que todos recebam novamente os desenhos que começaram.

Objetivo:

Desenvolver o sentido de desenhos coletivos e colaborativos





WORMAN

Era uma vez:

uma mãe dágua

ela era linda,

inteligente

muito, mas **muito** esperta.



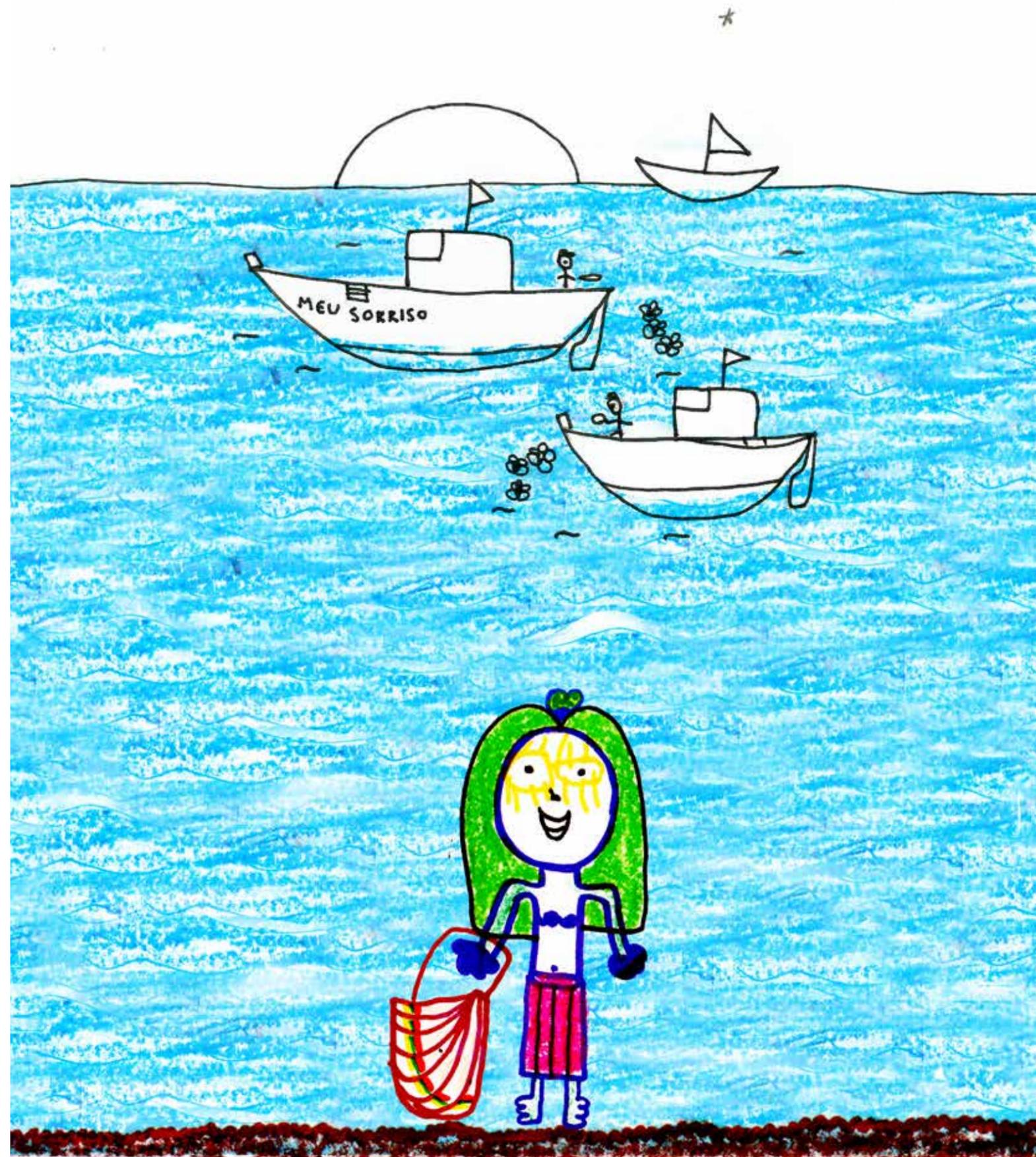
Sereia pescadora,
ela gostava
de pedras, peixes e penas para fazer brincos.

A mãe água adorava olhar as nuvens,
seu espelho era belo e
cheinho de conchas.

Seu cabelo verde
iluminava tudo
toda vez que ela saía da água.

*MÃE D'ÁGUA PROTETORA,
SEU ESPELHO
BRILHA
EM MIM.*

Escreveu Xica pensando na sereia.





Xica um dia decidiu chamar por ela. Caminhou pela mata e chegou no mar. Lá encontrou a mãe d'água na Praia do Moreira. Muito animada, disse pra ela:

- oi, mãe d'água!
você é linda!



Assim que Xica falou com a sereia, se lembrou de sua vó dizendo que se ouvisse a voz dela poderia cair em seu encanto. Então, ela saiu correndo no mato, rindo muito de felicidade de ter se encontrado com a mãe d'água.



Foi aí que surgiram duas bruxas: Fernanda e Maria.
E agora?
Xica estaria em perigo?

As duas bruxas brigaram com ela e disseram que ela não podia ficar ali, que a mata era delas. O quê? A mata era delas? Se xica morava ali e sua mãe, suas irmãs e sua vó E seus parentes todos?



Foi aí que Xica fechou os olhinhos, toda encantada e pediu ajuda aos seres guardiões daquela MATA MAR.

DE REPENTE

uma gigante apareceu:



a vó da mata!

A vó da mata expulsou as bruxas dali.

Aliás!
Não!

Transformou elas em javalis.



Xica sorriu mais uma vez, encantada, e foi contar toda a aventura para os colegas na Kijêtxawê Zabelê, sua escola.



Nesse momento, uma zabelê passou cantando, guardando vivas todas as mais velhas da comunidade que encantam e ensinam crianças, jovens e adultos daquele lugar.



NOITE CULTURAL



Arco e flecha



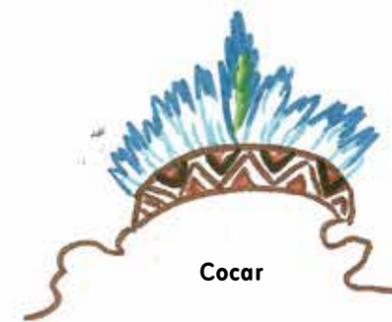
Colares de sementes



Pulseira



Maracá



Cocar



Brinco



Gamela



Cuscuz de tapioca



Beiju de tapioca



Peixe na patioba



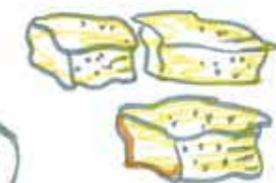
Beiju de rolo



Mingau de tapioca



Bolo de puba

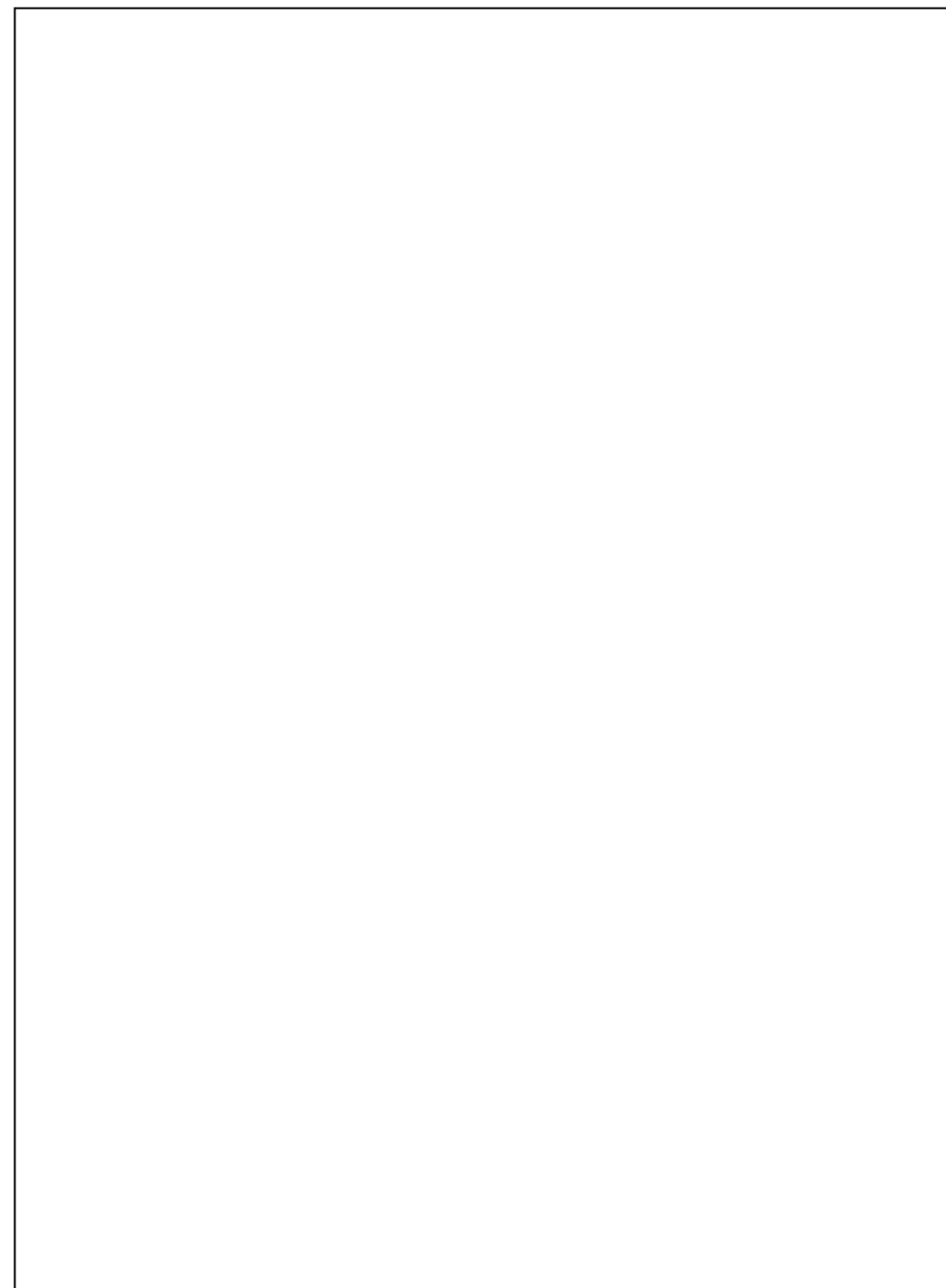


Bolo de aipim



ATIVIDADE

Na aldeia Kai acontecem muitas noites culturais e esse cartaz foi produzido em uma das oficinas da construção deste livro. Você já fez um cartaz? Quais são suas possibilidades de uso? Que informações precisa ter nele? Podemos nos deparar como ele em muitos lugares. Pense nisso, discuta com seus colegas e faça um cartaz! Pode ser de protesto, contra alguma coisa, de homenagem, sobre alguém importante para vocês ou de convite a um evento imperdível.





QUINTE PRATO

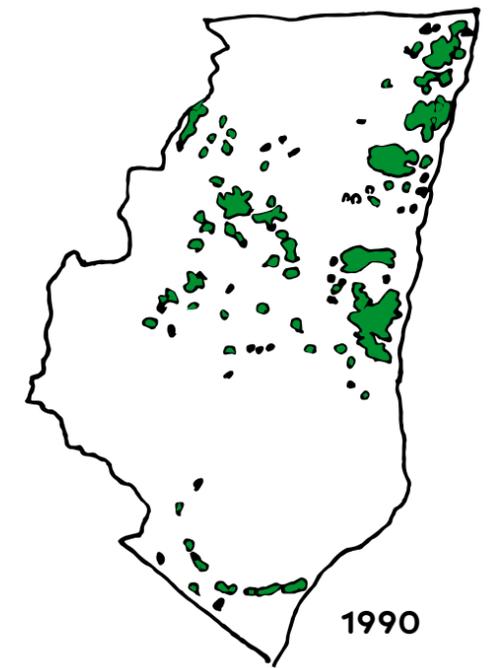
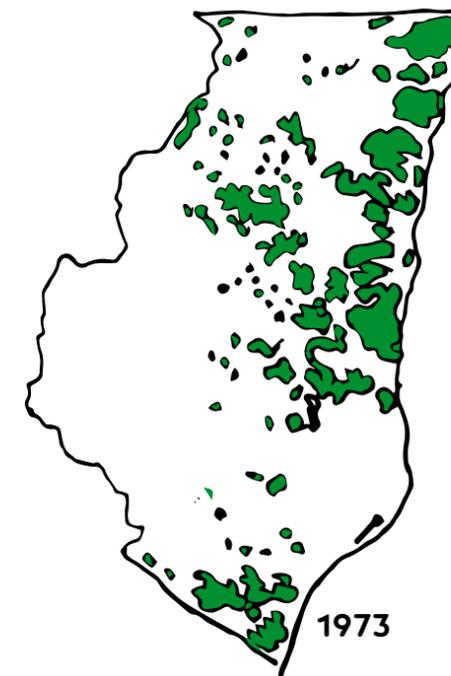
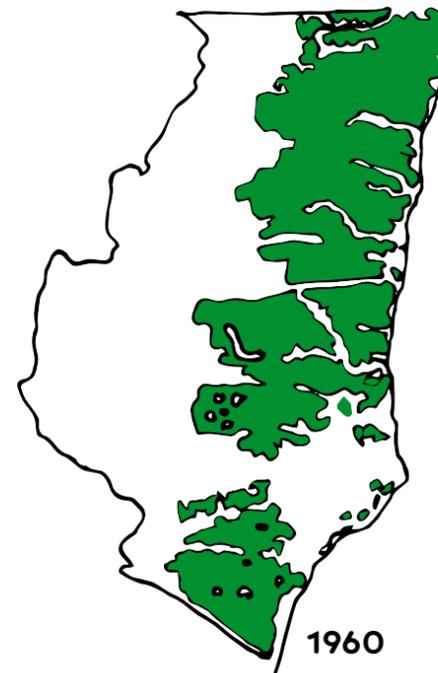
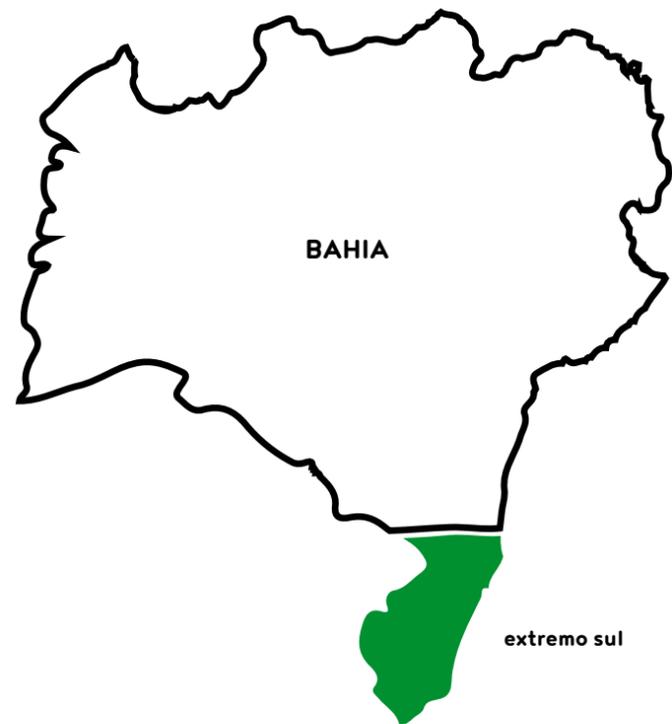


ÍNDIO NA GUERRA
ELE NÃO CANSA
VIVE NA
LUTA CHEIO
DE ESPERANÇA.

Autoria pataxó



DESAMAMENTO



TERRITÓRIO PATAXÓ

KAÍ/PEQUÍ



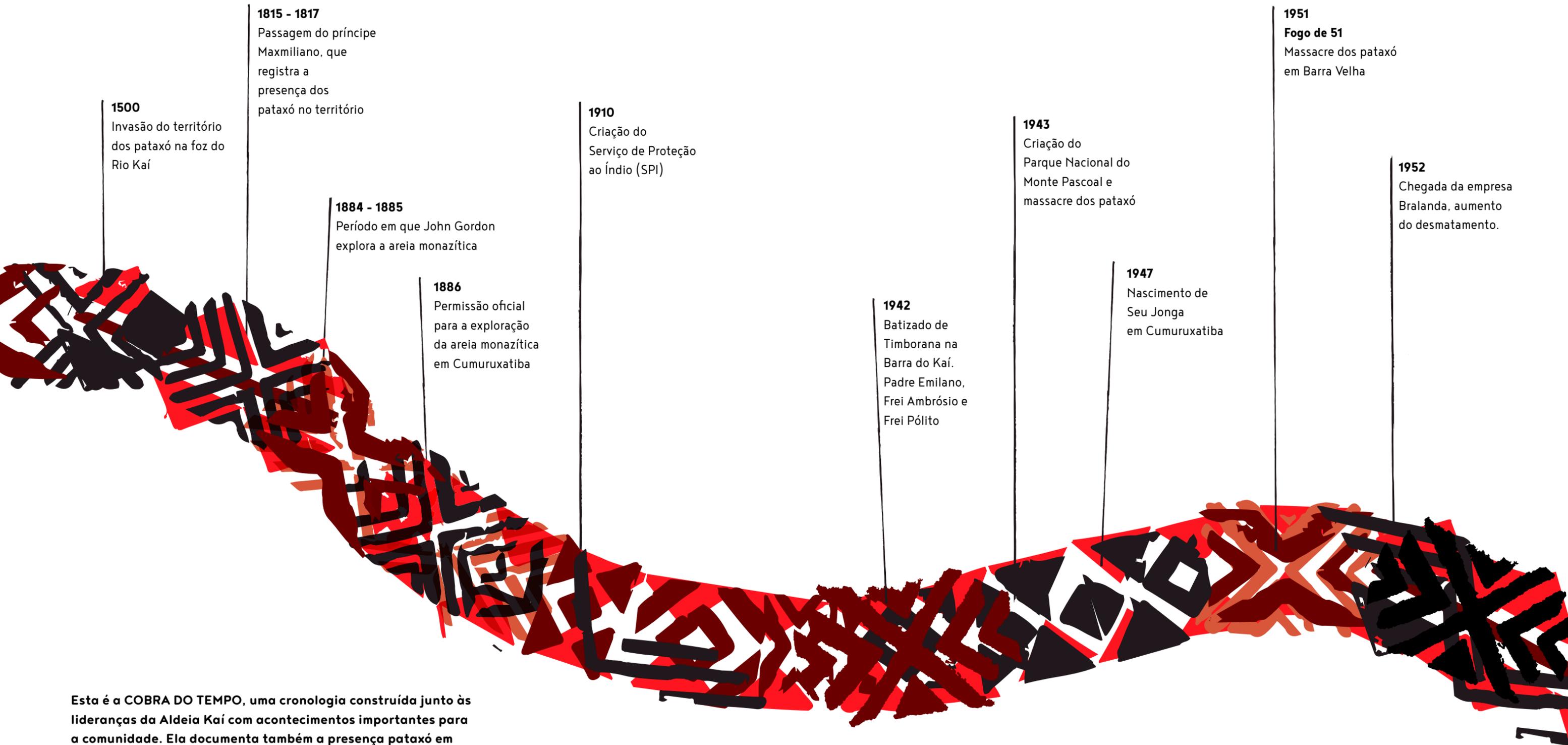
PARQUE NACIONAL DO DESCOBRIMENTO

As aldeias pataxós do território Kai/Pequí Comexatiba, município do Prado-BA da etnia pataxó, que está localizada na Reserva Indígena Pataxó, que foi sobreposto o Parque Nacional do Descobrimento (PND), na região de Cumuruxatiba - BA. Uma região que sofreu todos os impactos com a invasão do Brasil. As comunidades indígenas pataxós e outras etnias que habitavam na região, passaram por várias humilhações, foram obrigados a negar a sua própria identidade, realizar trabalhos escravos e obrigados a aprender e utilizar outra língua. E deixar de praticar atos culturais do seu próprio povo pataxó. Mas essas ações foram um das primeiras que começaram as violências com o nosso povo pataxó. Minha avó paterna Dona Bernarda Pereira Neves, que nasceu no dia 24 de novembro 1918 e faleceu no dia 20 de agosto 2014 em Cumuruxatiba/Prado - BA faz alguns relatos referentes ao desrespeito ao patrimônio e a área de conservação e usos medicinais e sustentos de forma consciente das comunidades indígenas pataxó. Por volta do ano de 1940, instalaram uma usina (Companhia Nacional de Energia Nuclear) para a exploração de areia monazítica: mineral monoclinico amarelado encontrado em Cumuruxatiba misturado às areias, onde os indígenas eram obrigados a trabalhar nesta empresa na construção de uma represa para lavar a areia e ser selecionada. É na construção de trilhos para carregar a areia da beira da praia para a represa onde lavavam! Alguns indígenas trabalhavam lavando e selecionando outros tipos de areias. Trabalharam na construção de um píer de madeira com 750 metros de madeira de lei, tirada na região de Cumuruxatiba, com um formato de um (T) para as caçambas transportarem areia para as embarcações que transportavam pelo mar. Porque os acessos das estradas não eram de boas condições, quando chovia não passava carro algum. Sai mais barato para a empresa transportar pelo mar. Com isso começou a exploração da madeira na nossa região com a construção do píer. E exploraram areia por volta de 28 anos em média e depois deixaram vários maquinários de ferros que foram soterrados que ainda se encontram na região de Cumuruxatiba, que vem contaminando o solo.

Por volta da década de 1970 a Brasil-Holanda, empresa multinacional se instalou próximo a localidade de Cumuruxatiba no pequeno vilarejo do Guarani que fica entre a cidade de Prado e Itamaraju. Onde montaram grandes serrarias para exploração de madeiras nativas. Junto a essa exploração veio violências contra os nativos da região que eram donos das terras. A empresa Brasil-Holanda veio expulsando os verdadeiros donos das terras, que tradicionalmente estavam ocupadas pelos índios pataxós no município do Prado. Os funcionários dessa empresa diziam que essas terras pertenciam ao governo, que esses moradores tinham que desocupar essas áreas. Alguns ficavam com medo e desocupavam as suas áreas e tinham que morar na Vila Cumuruxatiba, que fica próximo a praia. Aquelas famílias que recusavam a não sair da área eram expulsos! Como a família do meu pai e da minha mãe que foram obrigados a sair no meio dos tiros. Teve que mudar para outra área para seus familiares não serem mortos. Aqueles que tentaram resistir nas suas áreas como à família dos quatis que foi assassinada por pistoleiros da Brasil-Holanda. A exploração das madeiras nativas na região de Cumuruxatiba começaram a acontecer de forma desordenada na época de 1984, onde começaram a se instalar várias serrarias, onde seus proprietários eram capixabas. Nessa época começaram também a se instalarem carvoeiras que ajudaram a devastar o nosso bioma e um dos últimos remanescentes de mata atlântica. Por volta do ano de 1990 o IBDEF que era um órgão responsável para fiscalizar, tinha alguns funcionários que estava facilitando a extração da madeira na região de Cumuruxatiba.

Chegando no dia 20 de abril de 1999 foi criado por Decreto Federal s/nº a sobreposição da (UC) na reserva indígena pataxó, que se denominou Parque Nacional do Descobrimento, com sua área de 21.129 ha. O art. 1º do decreto de criação estabelece o reconhecimento no Município de Prado, Estado da Bahia, com objetivo de proteger e preservar amostra desses ecossistemas ali existentes e possibilitar os desenvolvimentos de pesquisas científicas e programas de educação ambiental o (PND). O nome do Parque faz alusão ao fato histórico do “descobrimento do Brasil”, um elemento indutor muito importante no debate acerca da questão ambiental. A criação do Parque ocorreu em um contexto de tentativa de estabelecimento de populações indígenas em terras da região, exploração da Mata Atlântica por empresas de papel e celulose e expansão da criação de gado, que deram continuidade ao processo de dizimação da área de mata, objetivando a implantação de grandes pastos. Em meio a estes acontecimentos, criou o Parque Nacional do Descobrimento, uma tentativa do Estado de preservar o pouco que ainda restava da Mata Atlântica, e que estava sendo dizimada pelos fazendeiros.

Perivaldo Rodrigues Azevedo, Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena, 2018.



Esta é a COBRA DO TEMPO, uma cronologia construída junto às lideranças da Aldeia Kaí com acontecimentos importantes para a comunidade. Ela documenta também a presença pataxó em Cumuruxatiba, distrito de Prado, na Bahia e nos ajuda a entender o percurso de luta e de resistência do povo indígena na região. Convidamos outras comunidades indígenas e escolares a construir também suas cobras do tempo!

1956
A grande seca

1959
Expulsões das famílias
Amâncio, Pereira, Belina,
Pereira Neves da
Barra do Kaí.

1950 - 1960
Construção da BR-101

1967
Criação da Fundação
Nacional do Índio (FUNAI)
e extinção do SPI.

1984
Interrupção
das atividades da
Bralanda

Período que
o povo pataxó
estava escondido,
sem moradia certa

Mortes

Exploração

Perseguição

Resistência

1988
Reconhecimento
dos povos indígenas
do Brasil na
Constituição de 1988

1999
Criação do Parque
Nacional do Descobrimento

2000
Início do processo
de retomada do
território Comexatibá.

2003
Início dos conflitos
com o ICMBio e a
gestão do
Parque Nacional

2003
Segunda retomada
da Aldeia Kaí para
fora dos limites do
Parque Nacional do
Descobrimento

2004
Criação da
Escola Estadual
Indígena Kijêtxawê
Zabelê

2013
Duas retomadas
na região da
Aldeia Kaí

2016
Criação do
Colégio Estadual
Indígena
Kijêtxawê Zabelê,
com a inserção
do Ensino Médio

2016
Reintegração
de posse,
destruição da
Aldeia Kaí e
reconquista
do território

2017
Fim dos conflitos
com ICMBio e
a gestão do Parque
Nacional
depois de um
acordo com FUNAI,
indígenas e
Ministério Público



ATIVIDADE

encontre um acontecimento importante para a sua comunidade e acrescente na nossa cobra do tempo



Ano: _____

Acontecimento: _____

Ano: _____

Acontecimento: _____





CABOCLO DE PENA
ESCREVA NA AREIA

CABOCLO DE PENA
ESCREVA NA AREIA

ESCREVA NA AREIA, MEU GUERRERINHO

O NOME DA ALDEIA
ESCREVA NA AREIA, MEU GUERRERINHO, O NOME DA ALDEIA

Autoria pataxó



“TUDO TEM SEU SABER
DENTRO DA SABEDORIA
E AO NOTAR ESSE SABER
ENCONTRAMOS A MAGIA”

PROFESSORA LÔRA



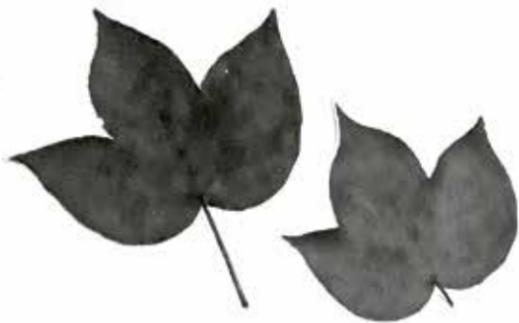
As ervas foram tema de diversos trabalhos de química da Professora Lôra, na Kijêtxawê Zabelê que envolveu todo o Ensino Médio. No 3º ano, os estudantes realizaram um livro das ervas com as páginas que você vê a seguir, que envolveu a coleta das ervas na natureza, catalogadas posteriormente com as folhas originais, a partir da pesquisa de seus usos. Você conhece a propriedade das ervas? Que tal fazer um catálogo das ervas mais usadas na sua escola e pela sua comunidade?



MELÃO

serve para tratamento de coceira, frieira,
micose da pele.

Usamos o sumo das folhas
passar sobre a pele durante 4 dias.



ALGODÃO

usamos no tratamento de pneumonia, tuberculose e gripe (sumo) Tomar com leite bater no liquidificador o leite junto com as folhas.



CAPIM SANTO

também conhecido como capim dotor ou capim limão.

usamos para curar infecção intestinal, pressão baixa, dor de cabeça e muito para criança que está nascendo os primeiros dentes.



MARCELA

usamos para o tratamento de resfriado e também como calmante



CASTRO

usamos para o tratamento de unheiro. pisamos as folhas e colocamos sobre as unhas



BRILHANTINA

calmante, utilizado em problemas do coração e cansaço



QUEBRA PEDRA

usamos para tratamento
de dores nos rins



JERBÃO

usamos para o tratamento de gastrite e
pneumonia



RABO DE RAPOSA

usamos para tratamento de impínje da pele e pano branco. tiramos o sumo das folhas e passamos sobre a pele.

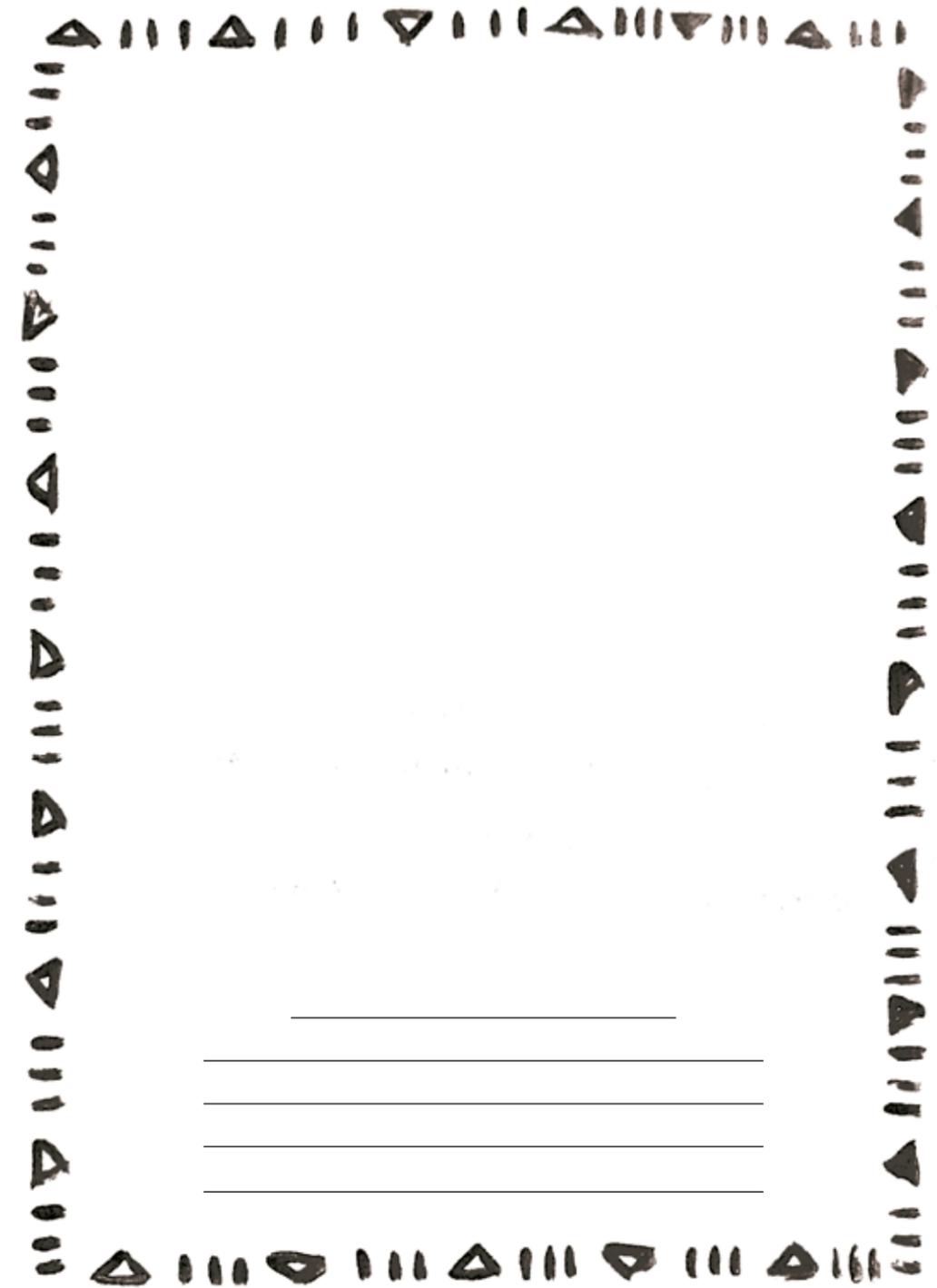


EUCALIPTO

serve no tratamento de resfriados, dor de cabeça e enxaqueca. (chá)

Blank dotted rectangular box with horizontal lines at the bottom for writing.

Blank dotted rectangular box with horizontal lines at the bottom for writing.



Four horizontal lines for writing inside the decorative border.



ATIVIDADE

Encontre uma erva na sua comunidade que não tenha aqui e cole nos espaços vazios acima e, ao lado, completando com o nome e para que é usada.

querida dona jovita,

cheguei em casa no sábado. O ponto anterior era a sua casa. Toda a entrada pensei em coisas que a senhora havia falado: —
cascas; entre cascas; noite sem lua; de cima até o topo; a flor antes de abrir; a época certa; o negro; a nódoa; o ovalho; tirar a folha sem machucar o caule; setembro; pra saber que é madrugada; o jeito de plantar; os pontos da raiz, os colares na mata; "os urosos"; a garrafada; o remédio.

as imagens se misturavam aos carimbos de Rita impressos no tecido; no alfabeto sendo feito, no mapa, no genipapo na pele, nas mãos de Uro; Talita; Fabri; Laura; caca; Tiago; Rasta; Cristiane; Ricardo; Pe'ri; Marcinho; Chica; Ester; Kalline; as meninas; Higinio; Paulo; Lora; Puxakai; e tantas memórias de oficinas e fortes encontros.

as imagens se misturavam à história da-
quela tiro que não pegou em Timborana (e ele com a criança nas costas). E ele dizendo o que significava a palavra BAI-XU — bonito — e dizendo de Zabelê, de Manoel Fragozo, ... Todos nós ali sentados na mesa da sala de sua casa vendo fotos antigas e a senhora com seu cocar e cachimbo

(TEMPOS SOBREPOSTOS)



(TEMPOS SOBREPOSTOS)

as imagens se misturavam, todos ali em volta da mesa e das memórias passávamos, com o cacique, no reconhecimento dos índios Pataxó do extremo sul da Bahia, — (quem habita esta casa?), passávamos nas terras tomadas, nas terras retomadas; na língua tomada, na língua retomada; no tempo tomado, no tempo retomado.

cada um a seu modo retomava o espaço da amizade e da resistência. como disse, cheguei em casa no sábado, incorporada pelas palavras e pelas imagens da senhora, mas ervas e forças ali comigo — SOBREIMPRESSAS. Cheguei em casa senti na mesa de fora e fiquei lá, muito tempo, em silêncio, antes de entrar.

escrevo para agradecer por tudo, pelas imagens que agora permanecem comigo, aqui em casa — pelo sopro de vida que a senhora e o trabalho dos livros e das ervas imprimiram em mim.

O caminho da resistência e ... com todas as evidências em contrário ... o caminho da flegría.

abraço forte,

Cirara



Anual d'Ayda,
Porto Seguro SETEMBRO 2018



ATIVIDADE

Escreva uma carta para a Zabelê!

Secretaria da Escola | código/MEC 1178223
Rua dos Nativos, nº 274
Bairro: Cantagalo
Cumuruxatiba - BA
CEP - 45980-000
Telefones:
(73) 988576198 | (73) 988531335 | 988688611
E-mail: cris.cumuru@hotmail.com

Cumuruxatiba, 23 de agosto de 2018

Toda equipe edições Zabelê,

Meus amigos que alegria escrever essa carta a vocês. Palavras não seriam suficientes para agradecer tanto carinho e afeto ao nosso povo. Entre tantos encontros e reencontros estabelecemos um elo de amizade e respeito que jamais será quebrado.

Que as experiências compartilhadas nos percursos até aqui sejam a alavanca para alcançarmos a alegria de chegar ao destino proposto.

O meu agradecimento a vocês que mesmo de longe, mas sempre presentes nos quiseram bem e nos apoiaram nos bons e nos maus momentos. Obrigada por mais essa conquista, de um livro que retrata nossa realidade e isso fortalece nossa luta.

Dividam conosco os méritos desta conquista, porque ela também pertence a vocês.

Com todo amor,

Martha Oliveira.

JOGOS

DE

MEMÓRIA



ATIVIDADES

JOGO DA MEMÓRIA DAS ERVAS

O CONHECIMENTO SOBRE AS ERVAS É ANCESTRAL E MUITO IMPORTANTE PARA OS PATAXÓ. ESSE JOGO TAMBÉM FOI PRODUZIDO POR ESTUDANTES DA KIJĒTXAWÊ ZABELÊ. ANTES DE JOGÁ-LO, QUE TAL COLORIR AS CARTAS DAS ERVAS? EM SEGUIDA, BASTA RECORTÁ-LAS, EMBARALHÁ-LAS E DISPOR LADO A LADO. PROCURE UM LUGAR SEGURO PARA GUARDAR DEPOIS DO JOGO, COMO UM ENVELOPE, UMA PEQUENA BOLSA OU UMA CAIXINHA. CADA ESCOLA PODE CRIAR SEUS PRÓPRIOS JOGOS DE MEMÓRIAS, COMO JOGO DA MEMÓRIA DE HISTÓRIAS ENCANTADAS, LUGARES E PESSOAS DA COMUNIDADE ESCOLAR E TANTOS OUTROS.

JOGO DA MEMÓRIA DOS GRAFISMOS

OS GRAFISMOS SÃO EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DOS POVOS INDÍGENAS COM UMA RIQUEZA ENORME DE ELEMENTOS GRÁFICOS. ESSE JOGO FOI PRODUZIDO POR ESTUDANTES DA KIJĒTXAWÊ ZABELÊ. PARA JOGÁ-LO, BASTA RECORTAR AS CARTAS, EMBARALHÁ-LAS E DISPOR LADO A LADO. PROCURE UM LUGAR SEGURO PARA GUARDAR DEPOIS DO JOGO, COMO UM ENVELOPE, UMA PEQUENA BOLSA OU UMA CAIXINHA.

Arrozinho



Capim Santo



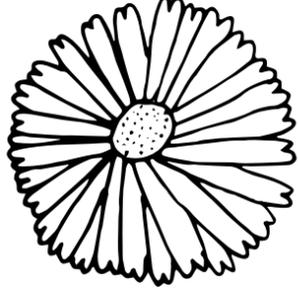
Folha de Algodão



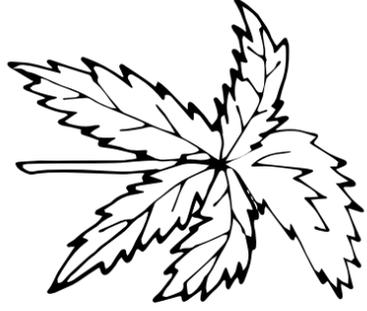
Manjeriçao



Camomila



Mastruz



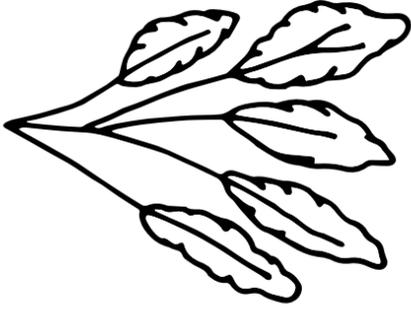
Hortelã



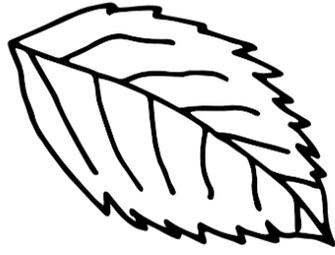
Alfazema



Alfazema



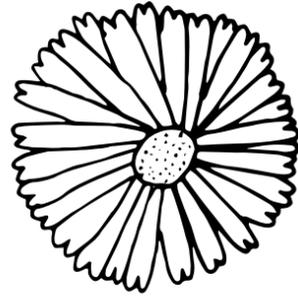
Hortelã



Mastruz



Camomila



Manjeriçao



Folha de Algodão



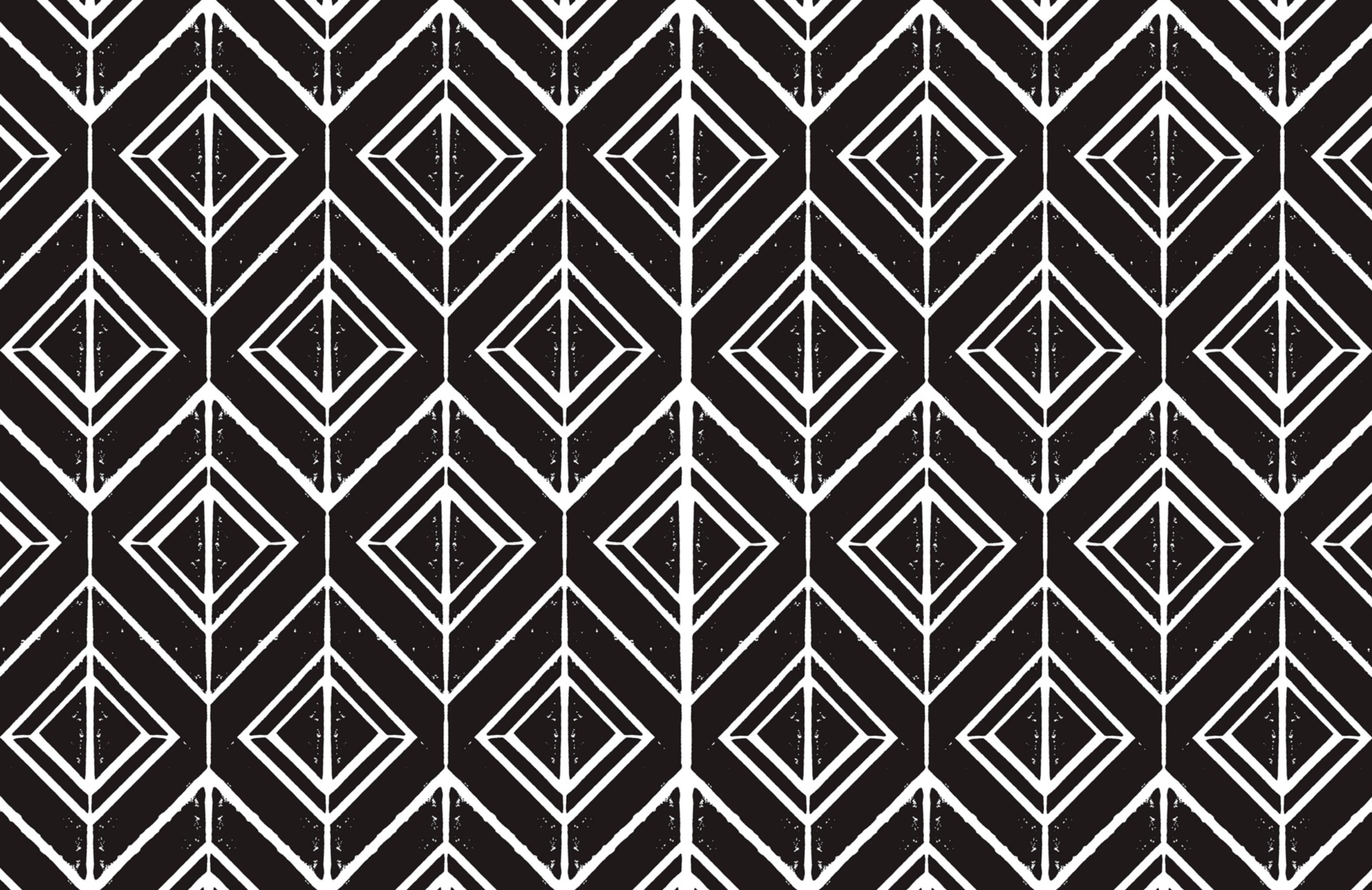
Capim Santo

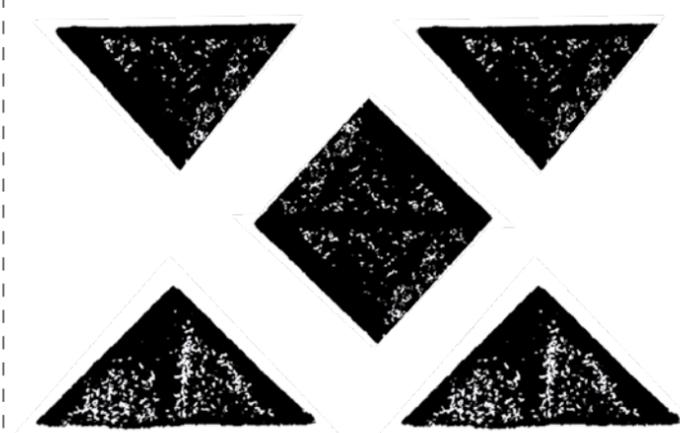
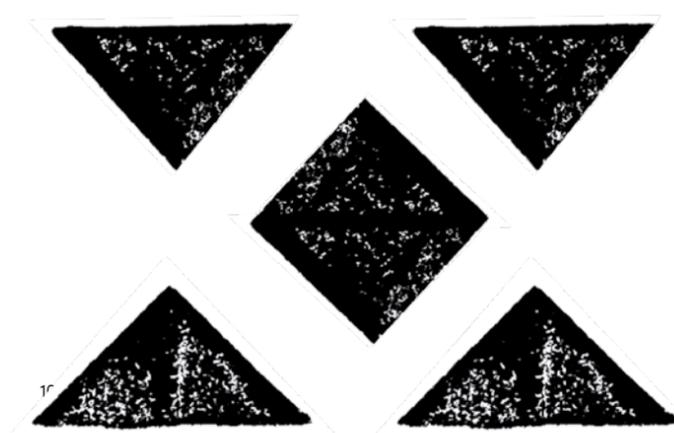
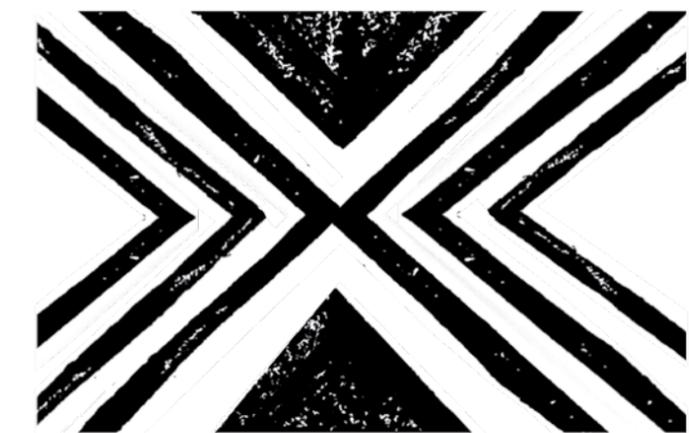
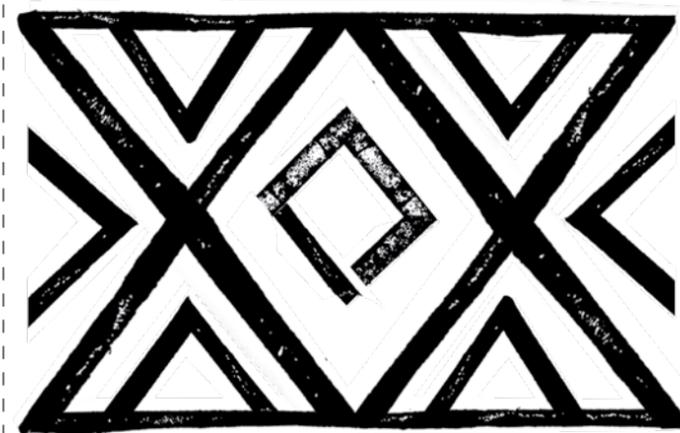
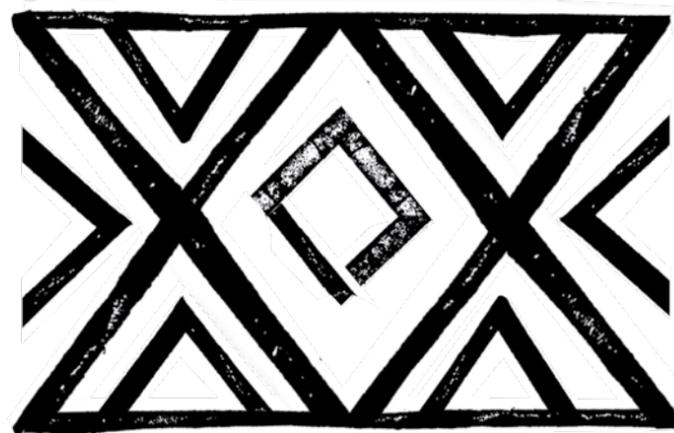


Arrozinho



Nesse jogo você também pode colorir as ervas





UM CAMINHO DE POESIAS, BRINCADEREAS E DESCOLONIZAÇÕES

POR PAULO DE TÁSSIO BORGES

Ao caminhar pela perspectiva do brincar, devanear e da poesia na construção do livro, suas páginas se encharcam de cosmopolíticas, tornando-se uma cosmopolítica curricular Pataxó, tão necessária aos processos decoloniais dos currículos e das escolas indígenas e não indígenas. Neste sentido, as produções cosmopolíticas curriculares Pataxó são tomadas de simulacros e capturas frágeis de um imaginado que sempre está por vir, rodeado de composições e experiências lúdicas.

Tomar as produções cosmopolíticas curriculares Pataxó no campo dos simulacros significa colocá-las em assemblages (YOUDELL, 2015), produções mutáveis e complexas que se combinam ou não na enunciação dos discursos, mas que se fazem potentes ao apresentar-se dentro de etnopedagogias e etnoaprendizagens do Hãmyá, rasurando e criando escapes dentro das didáticas e teorias curriculares ocidentais.

O livro apresenta produções curriculares potentes dentro de uma investida decolonial, valorizando as autorias intergeracionais Pataxó. Como conselheiro pedagógico do projeto “Edições Zabelê”, avalio a proposta pedagógica como um material preciso no fortalecimento da cultura Pataxó, sobretudo nos saberes e fazeres realizados na Aldeia Kai, no Território Indígena Kai-Pequi. Num diálogo intenso com as crianças e jovens Pataxó, o livro possibilita pensarmos novas sociabilidades na construção do conhecimento, deslocando-se de propostas hierárquicas e adultocêntricas para propostas com transmissão circular. Para Silva (2014, p. 190), “[...] as práticas de transmissão circular são construções de aprendizagens coletivas interculturalizadas por geração, gênero e diversidade de conhecimentos”.

No diálogo com a Lei 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade das histórias e culturas Africanas, Afrobrasileiras e Indígenas nos currículos das escolas públicas e privadas, o livro revela-se como enunciador de caminhos interculturais para/com as escolas não indígenas, desessencializando e descolonizando questões em torno da temática indígena. Que o livro seja uma proposta de descolonização das subalternidades, bem como de enfrentamento das (re) colonizações que se encaminham no cenário da educação pública brasileira. Avante, Povo Pataxó!

Referências:

BRASIL. Lei nº. 11.645 de 2008: Aprova a Obrigatoriedade do Ensino das Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas na Educação Básica. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2008.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. As Relações de Interculturalidade entre Conhecimento Científico e Conhecimentos Tradicionais na Escola Estadual Indígena Kijjêtxawê Zabelê. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

YOUDELL, Deborah. Theory assemblage and sociological education policy. In.: GULSON, Kalervo N.; CLARKE, Matthew; PETERSEN, Eva Bendix (Eds.). Education Policy and Contemporary Theory: implications for research. London: Routledge, 2015.

O QUE PODE UM LIVRO

POR LAURA CASTRO

O nascimento deste livro, no meu desejo de buscar meios de realizá-lo, aconteceu quando conheci Xica, em 2016. Xica é uma linda menina pataxó, estudante da Kijêtxawê Zabelê, na Aldeia Kaí, onde mora com sua mãe Sueli e seus irmãos Kaline, Keila e Jean.

Foi numa tarde deste ano, quando estávamos desenhando junto com outras crianças na oca da escola. Eu escrevi IARA no papel. Xica leu e logo ficou curiosa, me perguntando, em seguida, se eu sabia a história da Mãe D'água. “- Jovita já viu a Mãe D'água”, me contou secretamente. Jovita é a pajé da comunidade, tem muitos dons e um deles é a miração.

A partir daí, surgiu uma amizade adubada por um monte de bilhetinhos que ela me fazia e ainda faz, sempre com sereias desenhadas. Eu convidava Xica: “- Vamos fazer um livro sobre a sereia?” Ela me olhava com um sorriso desconfiado e a gente junto ficava sonhando em fazer um livro, com a cabeça nas histórias encantadas desse território pataxó.

Meu encontro com a Aldeia Kaí aconteceu alguns meses antes desta primeira cena. Em janeiro de 2016, a aldeia sofreu uma violenta e humilhante reintegração de posse que destruiu todas as ocas, casas, plantações e um posto de saúde. Cerca de 100 policiais federais e militares invadiram a área, expulsando a comunidade do seu território, cumprindo o mandado de posse favorável à suposta proprietária da terra, outorgado no ano de 2015.

Quando fui pela primeira vez na aldeia, eram muito nítidas as marcas da devastação e todo o sofrimento dos pataxó que ali viviam. Depois da reintegração e da destruição das construções, havia acontecido uma retomada feita pelas mulheres do território que possibilitou que eles retornassem ao local da aldeia. Uma história incrível que ouvimos um dia pela boca de Rita Pataxó e que construiu em nosso imaginário a força dessas mulheres, que passamos a chamar de gigantes!

Naquela época, muito tomada pelas narrativas e pelo cenário de devastação, uma coisa me intrigava no

território arrasado pela violenta reintegração de posse. Apenas a escola Zabelê na Aldeia Kaí havia sobrevivido aos tratores e servia agora de cozinha, de quarto, de habitação para muitos. Como a escola é estadual, naquele momento pensei, ao vê-la de pé, que ela apontava uma saída estratégica para o fortalecimento do território como um todo. Em outras palavras, tomada por aquele estado extremo de destruição, ao mesmo tempo pelo sentimento urgente da necessidade de reconstrução do território, pensei em como eu poderia, naquela altura, contribuir na luta dos pataxó propondo algo que fortalecesse a escola, para assegurar também aquele território, naquele momento tão instável e em risco.

É nesse ponto da história que chego à pergunta que nomeia este texto, indagação que tenho me feito desde que nasceu este projeto. Mas, afinal de contas, naquele contexto tão árduo e desesperançoso da luta territorial dos povos indígenas, em 2016, em pleno impeachment de Dilma Rousseff, com um cenário político tenebroso o que pode, o que poderia um livro?

Na escola, encontrava-se uma pilha de livros em uma das salas e conversando com os professores constatava-se que muitas vezes os livros que chegavam das secretarias não atendiam aos interesses da Educação Escolar Indígena. Como pensar no livro não do ponto de vista de sua passividade, mas de sua ativação? Como pensar em um livro vivo? Nas suas múltiplas possibilidades, um livro expandido, na mata, no mar, na aldeia, experimentado? Um livro que não encerrasse as narrativas sobre aquele território mas sim que as multiplicasse na oralidade, na vida da escola?

Provocada por essas questões, propus à Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB um projeto em que pudéssemos, nós, da Sociedade da Prensa, coletivo que integro e vem trabalhando com publicações independentes desde 2013 - conviver com a escola indígena Zabelê e sua comunidade na Aldeia Kaí para que pudéssemos, coletivamente, em situação de coautoria, criar um livro que surgisse a partir da escola e, na sequência, retornasse a ela. Foi daí que surgiram as Edições Zabelê, projeto aprovado do qual se desdobra esta publicação.⁽¹⁾

(1) As Edições Zabelê aconteceram apenas na Aldeia Kaí, embora Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê possua cinco anexos/aldeias (Aldeia Kaí, Aldeia Tibá, Aldeia Dois Irmãos, Aldeia Monte Dourado, Aldeia Alegria Nova). A razão de ter sido assim foi por conta da limitação da verba disponível do projeto e pelo fato de ter conhecido inicialmente apenas a Aldeia Kaí. No entanto, registro aqui o desejo de toda a equipe em estender futuramente este projeto para todos os anexos, buscando novos meios de fomento para a sua execução.



As minhas visitas à Aldeia Kaí se deram inicialmente como professora da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, que apontava, em seu plano orientador, a necessidade de que a universidade tecesse e fortalecesse um elo entre a instituição de ensino superior, o ensino básico e as comunidades tradicionais do Sul da Bahia. O próprio projeto de curso do campo das artes da universidade no qual atuava – tanto a Licenciatura quanto o Bacharelado Interdisciplinar em Artes – contemplam justamente a ênfase na interculturalidade, na interface entre Arte e Comunidade. O projeto, portanto, da FUNCEB foi desdobrado em um projeto de extensão na UFSB, o que proporcionou que estudantes como Caroline Bento, Ito Trindade e Victor Fabem fossem bolsistas e colaboradores do projeto, acompanhando suas ações.

As Edições Zabelê surgiram, assim, como uma possibilidade de conviver com os pataxó de Cumuruxatiba, especificamente da Aldeia Kaí, a partir de sua escola. Realizamos uma série de oficinas que contemplam as etapas de criação de um livro para as turmas do Ensino Infantil, Fundamental, Médio e EJA. Foram oficinas de escrita poética, desenho, serigrafia, encadernação e criação de carimbos. Participamos também, como aprendizes, de valiosos momentos de troca de saberes e fazeres pataxó como as pinturas corporais com jenipapo e a feitura do bolo de puba. Acompanhamos, de perto, as inúmeras dificuldades enfrentadas por toda a comunidade escolar com as recorrentes faltas de transporte e merenda escolar.

Ao mesmo tempo continuei perseguindo a presença da história da Mãe D'água na cosmologia dessa comunidade, pois sempre meu encontro com as crianças era povoado de histórias, desenhos e especulações em torno das sereias. As conversas não mais aconteciam apenas entre eu e Xica, mas com Talita, Janairi, Keila, Ádxuara, Laís e outros adultos como a própria Sueli, mãe de Xica e Eriane, sua tia. Elas começaram a ser povoadas não apenas dos contos de sereias, mas também da Caipora, o Boitatá, o Caboclo de Pena, o Caboclo D'água, o Caxinguelê.

Em uma oficina que conduzi para os estudantes do Ensino Fundamental levantamos várias histórias encantadas, algumas delas que nunca tinha ouvido falar, como a Vó da Mata. Algumas curiosidades surgiram dessa conversa como o fato de as crianças colocarem a Pajé Jovita entre o nome dos encantados. Parte da história infantil que compõe este livro, por exemplo, foi criada coletivamente com os estudantes da Zabelê, em uma dessas oficinas que ministramos no âmbito do projeto.

Muito instigadas pelas conversas que tínhamos sobre os seres encantados, um dia, fomos até a aldeia, no fim de semana, e fizemos uma roda de desenho coletivo. Cada um pegava um papel com um nome de um encantado e começava a desenhá-lo. Em um dado momento, parávamos o desenho, passávamos o papel e começávamos a desenhar no desenho da outra. Estávamos eu, Xica, Keila, Laís, Janiri, Cacá e Aurora. Cinco crianças e duas adultas, uma roda de mulheres. Talita fazia as fotografias. Foi um momento excitante de conversa sobre aqueles seres, sempre tinha alguém que conhecia alguém que já tinha visto um encantado.

No dia seguinte, decidimos construir os seres encantados em tamanho maior, com materiais como papelão, desenhando e incorporando materiais do mato, como sementes, flores, galhos e outros, coletados pelas crianças. Montamos os encantados e agora eles tinham uma vida a ser experimentada com o próprio corpo, que se colocava atrás da figura e podia emitir sons, falas e muitas risadas, sempre.

Posteriormente, de posse dos encantados, fizemos uma brincadeira na mata, com a Caipora, a Sereia, o Caboclo de Pena, Caxinguelê e a Vó da Mata. Descíamos a represa cantando junto “Caboclo de Pena, escreva na areia, escreva na areia, o nome da aldeia” em uma espécie de incursão poética. Fiquei muito impressionada como as crianças toparam a brincadeira e a mata surgia ali como uma professora por onde as crianças faziam uma escuta profunda daqueles seres mágicos. Elas paravam por detrás do que já agora chamo de livro vivo e ativavam seus corpos, vibravam, imitavam sons. Algumas riam, outras começavam a se amedrontar um pouco dessa presença. Todas nós ali vivíamos com o corpo todo aquela experiência.

O livro que inicialmente sonhei em fazer com Xica, no começo desta história, foi vivido com ela e outras crianças ali na mata. Era uma espécie de livro vivo e expandido, sem página, inscrito nas pegadas e nas escutas daquele território. No dia em que fui embora dessa etapa de imersão, chamei as crianças para irmos até a praia, levar a sereia e oferecê-lhe presentes. Para minha surpresa, cheguei na casa de Sueli e os encantados estavam todos pendurados na parede. Todo mundo foi dormir e Xica ficou aí. Sueli me contava que Xica tinha ficado a noite toda cortando, colando e desenhando, a Mãe D'água tinha ganhando novas cores, um cabelo rosa feito de papel.

No livro “La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial”, Walter Mignolo levantou questões relacionadas ao período

colonial, para compreender o processo histórico de construção da ideia de América Latina. (MIGNOLO, 2007) Ele fala de uma ferida colonial como uma consequência psicológica ou física da violência do racismo que se imprime nos donos da terra e que os define; marcas inexoráveis da colonização, da dominação do território.

A reintegração de posse de 2016 foi muito sofrida, a destruição da aldeia foi assistida pelas crianças e é uma história traumática para os pataxó da Aldeia Kaí. Tentando responder um pouco da pergunta “O que pode um livro?”, a partir da experiência que vivi com as crianças, fiquei me perguntando se talvez a criação desses encantados, deste livro vivo e a reconexão poética com essas histórias poderiam contribuir para a cicatrização dessa ferida.

Eliane Potiguara tece uma linda relação entre o criar e o curar. Em seu texto “Depois da angústia e do desespero, o ato de criação: o começo da cura”, em seu livro “Metade cara, metade máscara”, diz que no ato de criação se dá, entre outras coisas, “a purificação do corpo e a extirpação de velhos tumores, velhos fantasmas”. Dessa forma, a artista indígena acredita na criação como um ato que tende a mudar consciências. (POTIGUARA, 2018, 60).

A relação entre o criar e o curar me parece ainda muito associada à força criativa das mulheres, as gigantes pataxó, que em muito nos ensinaram e inspiraram esta publicação. O talento de Rita estampado por todo o livro na originalidade do seu modo de fazer carimbos, o olhar poético das fotografias

REFERÊNCIAS

MIGNOLO, Walter. La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. Lorena: UK'A Editorial/DM Projetos Especiais, 2018.

de Talita, os caminhos de pesquisa de Cristiane, os artesanatos de Eriane e Sueli, as músicas contagiantes e o imenso carisma das cantoras youtubers do grupo de garotas Mipâ'iré pâx Suniatá'xó, as costuras de Dona Maria, os desenhos de Dona Alcione, entre muitas mulheres e meninas guerreiras. Não é por acaso que dedicamos à Pajé Jovita este livro, grande liderança do povo pataxó de Cumuruxatiba, que, além de seus valiosos conhecimentos das garrafadas e das ervas que curam, encantou a todos nós com as canções que tira de sua viola.

Este livro, desse modo, quer continuar sendo motor da criação da comunidade escolar da Kijêtxawê Zabelê. Ele não encerra nada, pelo contrário, ele quer ser expandido, quer ganhar vida para além dele. Ele quer provocar conversa, despertar perguntas, quer ser levado até as ervas, à fala dos anciões. Ele quer ser jogado, vivido, interferido, modificado. Quer ser sementes de outros livros, outras imagens, de palavra patxôhã. Este livro quer ser móvel, suscitar narrativas em outras escolas, indígenas e não indígenas, sobrepôr histórias de outros povos deste mesmo país, tão imenso e diverso. O livro abre muito mais do que fecha uma questão, uma história. O livro canta e encanta. E é essa potência de metamorfose e esse milagre da multiplicação que pode um livro.

ESTUDANTES

ÃDXUARA DE JESUS AZEVEDO
ALAN SILVA PINTO
ALCIONE DOS SANTOS CONCEIÇÃO ALMEIDA
ALICE PAIXÃO SANTOS
ALINE VITÓRIA SAMPAIO LEITE
ANA MARIA ALMEIDA DOS SANTOS
ANDRESSA VITORIA SANTOS DE SOUZA
ANSELMO OLIVEIRA DOS SANTOS
ANTÔNIO CARLOS VALANSUELA SANTOS
AQUILES SILVA DE OLIVEIRA
ARYELLA PAIXÃO OLIVEIRA
BEATRIZ PINHEIRO DE JESUS
CARLA DE OLIVEIRA SANTOS
CHRISTINE DE OLIVEIRA FERREIRA
CLARA ANJOS DOS SANTOS
CLEINEANE BRAZ DE JESUS (CHICA)
DAJUDA DIVINA DE OLIVEIRA SANTOS
EDILEUZA FERREIRA DOS SANTOS BORGES
ESTER DE OLIVEIRA SANTOS
EVELYN DE OLIVEIRA
FRANCIEL DE JESUS SANTOS
FRANCIEL DE JESUS SANTOS
FRANCISCO SILVA DE OLIVEIRA
FRANCISCO SILVA DE OLIVEIRA
ISABEL ALVES DA SILVA
ISABELLE COSTA MIRANDA
JANAIRI BRAZ FERREIRA
JORGE ANTONIO DE OLIVEIRA SANTOS
JOSIANE ANDRADE DIVINO
KAIO ANJOS DOS SANTOS
KALINE BRAZ DE JESUS
KAWANA SANTOS SILVA
KAWÊ SOUZA MELO DOS SANTOS
LAÍS DE ALMEIDA DOS SANTOS
LEDIANE DOS SANTOS CRUZ
LEIDIANE SANTANA DA SILVA
LUANA SOUZA DA SILVA
LUIZ OTÁVIO CONCEIÇÃO SOUZA
MARCIELE DE JESUS SANTOS
MATHEUS PINHEIRO DA SILVA
NÍCOLAS SUAVE SANTOS
OTON PAIXÃO DOS SANTOS
RAMONE JOAGTA FELIXMINO
REBEKA ALMEIDA DOS SANTOS
ROBERTA FARIAS DA CONCEIÇÃO
RODRIGO SANTANA DA SILVA
ROGER FARIAS DA CONCEIÇÃO
SAMILLY EMILY DE OLIVEIRA SANTOS
SILVANA OLIVEIRA DE ALMEIDA
THIAGO DE ALMEIDA SANTOS
VANDERSON DO AMOR DIVINO MATOS
WALLISSON SAMPAIO LEITE
WIRÃ DE OLIVEIRA FERREIRA

COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA KIJÊTXAWÊ ZABELÊ ANEXO KAÍ

PROFESSORES

MARINEIDE DE SOUZA BRITO
RITA DE CASSIA DA SILVA CONCEIÇÃO
MARÚCIA RAMOS COLARES
HIGINO DE OLIVEIRA SANTOS
SAMUEL DOS SANTOS FERREIRA
JOSINEIA SANTOS CRUZ
MARTA DE OLIVEIRA SANTOS
PERIVALDO RODRIGUÊS AZEVEDO
DANIELE SILVA CONCEIÇÃO
FRANCIELLY DE OLIVEIRA PAIXÃO
KAYANALU SOUZA DE MELO SANTOS
RICARDO OLIVEIRA
FABIO ROSA DE OLIVEIRA
FABRICIA FONSECA AMANCIO
XOCIANE DE OLIVEIRA AZEVEDO
ANA PAULA DA CRUZ DOS SANTOS

LIDERANÇAS DA ALDEIA KAÍ PARTICIPANTES DO PROJETO

JOÃO DA CONCEIÇÃO SILVA
ANTONIO DA SILVA BONFIN
JOÃO CARLOS DE OLIVEIRA
JOSÉ FRANCISCO NEVES AZEVEDO (TIMBORANA)
JOVITA MARIA DE OLIVEIRA
CRISTIANE MARIA DE OLIVEIRA (JANDAIA PATAXÓ)
RITA DE OLIVEIRA SANTOS (LUÁ PATAXÓ)
DARIO NEVES FERREIRA (XOHÃ PATAXÓ)
RICARDO DE OLIVEIRA (XAWÃ PATAXÓ)
JOSÉ CARLOS DA CONCEIÇÃO SANTOS (NEGO PESCADO)
JESUINA MARIA DE OLIVEIRA (ZUCA)
SUELY BRAZ DE JESUS
MARCLEI APARECIDO DE OLIVEIRA
ERIANE BRAZ DE JESUS

EQUIPE EDIÇÕES ZABELÊ

COORDENAÇÃO GERAL

LAURA CASTRO

PROJETO | PESQUISA

LAURA CASTRO, FABIANA MARQUES E CACÁ FONSECA

ARTISTAS | OFICINAS

LAURA CASTRO, FLÁVIO OLIVEIRA, TIAGO RIBEIRO, CACÁ FONSECA, PRINCE ÁDDAMO, MÁRCIO JUNQUEIRA E CINARA DE ARAÚJO

ARTISTA INDÍGENA | FOTOGRAFIAS

TALITA OLIVEIRA (TAMYKUÃ PATAXÓ)

CONSELHEIRO PEDAGÓGICO

PAULO DE TÁSSIO BORGES DA SILVA

PROJETO EDITORIAL

FLÁVIO OLIVEIRA, TIAGO RIBEIRO, CACÁ FONSECA E LAURA CASTRO

PRODUÇÃO EXECUTIVA

FABIANA MARQUES

GESTORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

THAYNÁ MALLMANN

PRODUTORA DE INFRAESTRUTURA

PATRÍCIA BSSA

PRODUTORA LOCAL

DANI REIS

BOLSISTAS DO PROJETO DE EXTENSÃO

CAROLINE BENTO, ITO TRINDADE E VICTOR FABEM

SITE

VICTOR FABEM

REVISORA

LUIZA CASTRO

toda a equipe do projeto agradece, de todo coração, o acolhimento amoroso da comunidade pataxó de cumuruxatiba (prado/ba).

AWÉRY!

Apoio
institucional



Realização



Apoio Financeiro



Governo do
Estado da Bahia